CARTAS
DAS
NOSSAS
FILHAS
COLLEGE OF
PSYCHIC STUDIES
TRADUÇÃO:
AMADEU DUARTE

Patricia Sandys, husband and brother

PART ONE SALLY

By Cynthia Sandys and Rosamond Lehmann

PREÂMBULO

por Rosamond Lehmann

Como em todas as vidas, há na minha certas "estações" bem-marcadas ao longo da minha trilha atual no tempo, algumas das quais se erguem sombrias e imponentes, como antigas pedras eretas, outras que exalam, em perpetuidade, uma calidez e brilho inextinguíveis.

A noite de 11 de setembro de 1958 marcou um ponto sem igual de não retorno e novo começo para mim. Foi a noite da minha chegada à casa de Cynthia em Worcestershire. Tudo o que eu tinha levado comigo era a carta de convite simpática da minha anfitriã, enviada a pedido de uma amiga comum que tinha conhecimento dos seus dons extraordinários e da minha necessidade desesperada. A minha filha, Sally, faleceu em Java na véspera de verão de 1958. A filha de Cynthia, Patricia, faleceu subitamente em janeiro de 1957. As duas moças estavam casadas há menos de dois anos. Levei comigo igualmente aquele tremor intuitivo sem sentido – como se eu fosse um poste de telégrafo a zumbir – que nunca tinha cessado desde que um cabo de Jacarta me trouxera a notícia fatal.

Logo após a minha chegada, Cynthia disse delicadamente. "A Sally já aqui esteve. Eu não entendia o que ela queria dizer e sentia-me por demais nervosa e ferida para perguntar. Presentemente, ela colocou-me nas mãos um feixe de escritos, e deixou-me sozinho a lê-los para absorver, da melhor forma possível, a angústia, a convicção de que o que me confrontava era o relato autêntico da partida da Sally da terra e do seu atual estado post-mortem. Fiquei atordoado: no entanto, quando Cynthia e o marido voltaram com sugestões hospitaleiras de uma bebida e um banho quente, o caixão de chumbo que me estrangulava a psique já havia começado a rachar e a desmoronar, perfurado por raios esquecidos, agora meio recolhidos, da realidade.

Esse foi o início da minha amizade com Cynthia, da minha imensurável dívida para com ela (uma dívida contraída por tantos outros de entre os seus amigos e parentes do mesmo modo em luto!) e, ao mesmo tempo, o início da amizade da Sally e da Patricia au dela: da dívida imensurável da minha filha para com a filha de Cynthia. As cartas que aqui selecionei irão, espero, deixar claro o desenvolvimento da relação delas e o benefício mútuo e felicidade que trouxe a ambas. Não tem sido fácil escolher entre a massa de material que "chegou" de uma ou outra dessas filhas presentes, ausentes durante a última década.

Concordámos, por razões óbvias, em omitir todas as referências íntimas e pessoais e em concentrar-nos principalmente nas cartas que contêm informações relativas aos seus interesses especiais; no caso de Patrícia, a cura nos seus aspetos mais diversos; no caso de Sally, as funções e potenciais da música em planos extraterrestres da consciência. Ambas as moças, conforme se verá, tinham e preservaram, um talento excecional para a expressão pessoal.

Cynthia é um canal mental e de registo de excecional pureza (clariaudidente, e não clarividente). Após cinco a dez minutos de preparo silencioso para a escuta, a sua audição espiritual abre-se e ela começa rapidamente a escrever. As palavras parecem acudir-lhe à sua mente num fluxo constante e ela anota-as como se fosse um ditado. Não se trata de transe nem automatismo; no entanto, a sua consciência normal fica ligeiramente retraída enquanto escreve, de modo que ela não colhe inteiramente na sua mente o sentido pleno do que está a emergir através da sua caneta até ler – ou eu ler para ela – posteriormente.

Ela nasceu Cynthia Gascoigne. Sir Douglas Galton, K.C.B., o ilustre cientista, foi avô dela. Florence Nightingale foi prima de primeiro grau duas vezes. Os seus interesses são muitos e variados, tanto práticos como intelectuais. Estudou física e química na Universidade de Leeds durante a Primeira Guerra Mundial. Foi durante vinte e quatro anos juíza de paz; é agora Comissário do Condado para a divisão de Worcestershire das Girl Guides. Desde a morte de Lord Sandys em 1961, ela tem dedicado muito tempo e energia ao desenvolvimento e comercialização dos produtos dos seus excelentes pomares de maçã.

Preciso será igualmente lembrar que foi em grande parte devido à sua cooperação como o seu amigo e instrumento que os conhecidos testamentos de Lord Dowding sobre a sobrevivência, publicados durante a Segunda Guerra Mundial, foram obtidos.

Talvez o marido, numa carta escrita pouco depois da sua morte, devesse ter uma última palavra a dizer. Observando-a do ponto de vista da sua visão alargada, ele escreveu:

"Estou tão terrivelmente interessada nessas glândulas recetivas que se estendem por toda a tua cabeça. A tua aura parece uma anêmona do mar, com tentáculos a destacar-se por toda a parte. Quando vejo como é desesperado tentar contactar uma pessoa comum, fico tomado pela sorte que tivemos."

SALLY

6 de Setembro de 1958

Patricia: «Mãe, consigo vê-la com bastante clareza — vai correr tudo bem. Já apanhei o nome dela — Sally — e estou a chamá-la. Quero muito ajudar. As vibrações são muito fortes. Sinto uma grande tristeza na sua passagem, e ela também acabou de casar há pouco tempo… Oh, mãe, vou tentar encontrá-la. Ela deve ser uma de NÓS, que foram separadas para aprender a crescer juntas mesmo quando todo um plano nos separa. Vou agora, e hás-de ouvir notícias minhas em breve.»

Patricia (mais tarde, no mesmo dia):
Ela está aqui.

«Mãe, acho que encontrei a Sally. Ela está acordada. Sim, eu tinha razão. Está muito infeliz por causa da mãe e do marido — ele está completamente perdido sem ela. A Sally ainda não fala muito. Passou por uma doença horrível, cujos efeitos estão a desaparecer muito lentamente. Acordou num hospital (isto é, um hospital etérico) e permaneceu durante algum tempo nas sombras da semi-consciência. Quer muito entrar em contacto com a mãe, ela diz: "Se ao menos a mamã pudesse ver esta escrita, tenho a certeza de que conseguiria fazê-lo comigo." Estou a deixá-la sentir as minhas mãos, para lhe dar confiança.»

Sally: «Posso tentar? Nunca pensei nisto. Parece bastante fácil com a Patricia ao meu lado, mas quando fico assustada...» (Neste momento, Patricia tomou o controlo e escreveu: «Não deves ter medo. Não há necessidade. Estás rodeada por todos nós que podemos e vamos ajudar-te. Desculpa interromper, mas tive de o fazer.»)

Sally: «Obrigada, Pat, percebo. Não sou propriamente uma pessoa nervosa, mas foi tudo tão súbito e aterrador. Estava tão doente. Não conseguia falar nem dizer a ninguém como me sentia, e depois tudo ficou preto. Vi que algo estava a acontecer comigo e com o Patrick, o meu marido. Era como uma sombra negra afiada que veio entre nós, a cortar-nos. Não conseguia sentir nem acreditar no que tinha acontecido.

Quando a luz voltou, estava deitada numa cama de hospital, com enfermeiras que nunca tinha visto antes.

Pedi pelo Patrick e elas continuavam a dizer: "Em breve, quando estiveres mais forte." Eu estava quase a enlouquecer. Por que é que ele me tinha deixado assim? Então, um dia, na minha inquietação, encontrei-me fora do hospital, na relva — com os pés descalços a tocar a relva fresca e deliciosa. Esse foi o primeiro sentido de saúde — o toque da relva. Parecia que estava a ganhar forças da relva. Esfreguei os pés nas folhas frescas e curtas e deram-me uma sensação de força e normalidade… mas não era normal, era anormal. No início, fiquei tão entusiasmada que não pensei em mais nada. Sentia-me tão doente há tanto tempo — pelo menos, não foi assim tanto tempo, suponho, mas parecia. Então, de repente, pensei no Patrick e a minha mente escureceu de medo.

De alguma forma, algo me tinha afastado dele, mas não conseguia perceber o que era. Pensei na minha mãe e chamei por ela. Devo ter gritado em voz alta, como uma criança que quer consolo, e depois, justamente quando o terrível sentido de solidão começou a dominar-me, vi alguém a atravessar o relvado. Não sabia quem era, mas ela parecia conhecer-me. Abraçou-me e disse que tinha cuidado de mim desde que nasci e que eu a reconheceria em breve. Senti-me segura com ela. Tenho de parar agora. Por favor, diz à minha mãe que isto é da Sally.»

Patricia: «Mãe, agora vou contar-te mais sobre a Sally. Ela morreu de poliomielite. Nunca tinha visto isso antes, nem aqui nem na Terra. Não sei porque é que ela teve de passar por esta doença devastadora, mas havemos de saber mais tarde. Ela acordou, como te contou, no hospital e ficou quase louca quando o marido não veio vê-la. Então, com muito cuidado, eles selecionaram alguns dos pensamentos menos aflitos dele sobre ela e deram-lhos sob a forma de notas e mensagens. Isso funcionou durante algum tempo, mas quando perceberam que ela estava a recuperar forças, ela tornou-se rebelde e desconfiada, o que era complicado, porque começava a ouvir os pensamentos deles, como eu ouvi, a chegar diretamente; primeiro os pensamentos das enfermeiras, depois os do marido.

Eles misturavam-se na sua mente, porque ela não tinha ideia de que tinha saído do corpo, isso só veio muito mais tarde, e até aceitares esse facto é impossível crescer nas novas faculdades. Eu tive sorte, podendo ver e saber — mas mesmo assim foi uma agonia. Mas então eu sabia o que esperar e a quem chamar; a Sally não sabia, e a possibilidade de ter falecido pareceu escapar-lhe, e mesmo quando lhe disseram a razão — que ela era uma das poucas escolhidas que, tendo criado ligações muito fortes na Terra, foi chamada a quebrá-las para que pudessem unir-se mais plenamente… Pobre Sally, isso não significa nada para ela ainda, e eu conheço cada centímetro do caminho que ela tem de percorrer.

Mas agora somos um grupo maior, todos nós os "jovens casados" que partimos de acordo com um plano escolhido… Estou muito entusiasmada por ter uma aluna como a Sally, teria adorado conhecê-la se nos tivéssemos encontrado na Terra. Vou ensiná-la o

sinal do couro cabeludo e o truque do aroma. Sei que isso significa muito quando não conseguem ver-nos.»

10 de Setembro de 1958

Patricia: «Mãe, fui mais longe e descobri tudo o que pude até agora sobre a Sally. Ela ainda não consegue fazer muito, mas esperamos estabelecer um sentimento de realidade com a mãe dela. Vou tentar ajudar ambas, segurar a mão da Sally e até escrever com a mãe para lhe dar a sensação do ritmo. A Sally está bem consciente agora. Quando escrevi antes, ela só estava consciente em espasmos. Agora tivemos uma longa conversa e apresentei-lhe o Myles, o Douglas e, claro, a Blanche, por isso ela tem muitos contemporâneos à sua volta. Ela vai segurar a minha mão e ver se consegue sentir a corrente.

A Olga também está aqui — todas as pessoas que não queriam morrer vieram falar com ela. As pessoas mais velhas são inúteis porque as vidas delas já tinham terminado e ansiavam partir, como a avó. Mas TODOS nós queríamos ficar e aproveitar as nossas vidas na Terra, até termos atravessado e descoberto que a decisão tinha sido tomada por nós há muito, muito tempo. Aqui está a Sally.»

Sally: «A minha mãe vai ver-te, fico feliz. É tão inexplicável que eu consiga fazer sinais no papel, mas não consigo dizer nada à minha mãe ou ao meu marido, embora continue a gritar para eles. Não consigo acreditar que isto possa ser a morte, com todas estas pessoas jovens e adoráveis à minha volta, todas a dizer que também elas tinham vindo para cá apesar do desejo intenso de continuar a viver na Terra. A tua rapariga e uma amiga, Blanche, estão a ser maravilhosas comigo e estou a começar a perder o sentido de medo e solidão.

A ideia de que os mortos estão sozinhos está completamente errada, e a de que estão felizes parece ser verdadeira. Portanto, aqui está outra vida, mas completamente diferente. Sinto-me como um filme fotográfico sensível que foi exposto a todo o amor e algum do desamor da vida terrena, e depois de passar por um revelador tornei-me a mesma, apenas mais eu mesma — o verdadeiro produto de uma vida. Isto está mal dito — mas o sentimento dentro de mim é tão forte que eu sou a SALLY, a mesma Sally, até pareço a mesma.

A Pat mostrou-me um reflexo exacto de mim mesma. Tenho mãos e pés, olhos, nariz e cabelo! — tudo igual. Posso beliscar-me e sentir carne e osso firmes. Posso correr e saltar do chão. Posso ficar no ar. É celestial! Mas quando me aproximo de ti pelo puro desejo de estar contigo, descubro que és enevoada e indefinida e não consigo ver-te com nitidez. É o mesmo agora que estou a escrever com a mão forte da Pat sobre a minha. Ela é quem realmente guia o lápis, mas sou eu que penso os pensamentos. Ela diz que não devo tentar demasiado, que isso só bloqueia a passagem: deixada a fluir suavemente, vou conseguir transmitir tudo, e sinto que consigo. Por isso, vou apenas tentar dizer coisas simples e deixar o resto crescer. Obrigada. Sou a Sally.»

Essas foram as cartas que me foram apresentadas à chegada a Himbleton.

Mais tarde, nessa noite, sentámo-nos juntas e veio uma longa carta, em parte da Patricia, em parte da Sally. Cito apenas um trecho:

«A Sally diz que foi a Avó quem a acolheu quando ela chamou por ti. Está a ser muito bem cuidada por tantos. "Estou simplesmente envolta em amor e bondade", diz ela. "Foi apenas quando eu não conseguia ver nem compreender que me senti sozinha…

Tenta deixar de estar triste. A tristeza faz a nossa força escoar-se. Tenta pensar em mim como próxima, quero ensinar-te, mas agora tudo é tão novo. Chora, se tiveres de chorar, mas chora com alegria. Estou muito mais perto do que se estivesse em Java ou na Indonésia ou noutro lugar qualquer. É tão estranho, o sentimento de felicidade que está a crescer dentro de mim, é aquilo que a Pat te disse. Eu penso em DEUS, mas não sei como dizer isso. Querida, não há morte, é vida, mais vida, é maravilhoso e maravilhoso, tenta vê-lo através de mim até poderes vir também, e vamos deixar a tristeza de lado. Estamos mais próximos sem tristeza, e a morte é todo um mito.

Não sei dizer mais nada, exceto que não sei porquê, mas estou FELIZ, mamã — é irracional e até cruel, mas estou feliz. Estou mais perto do centro da vida, está tudo a fluir à medida que passa por mim. É maravilhoso. Outra coisa que quero dizer-te é que todos somos físicos, não me sinto nem um pouco diferente, e a Pat, que já está aqui há muito mais tempo, diz que ainda fica zangada e atrapalhada muito como antes, não somos espirituais nem grandiosos só porque estamos fora do corpo, estamos noutro corpo exatamente como o antigo, a sentir tudo da mesma maneira, mas muito, muito mais intensamente. Cor e som e forma, toda a beleza parece ter sido intensificada, e todo o sentimento sombrio e triste que tivemos de atravessar ao passar para cá ficou tão, tão longe…»

As notícias que se seguem chegaram cerca de seis meses depois.

Patricia: «A Avó levou-me às encantadoras aldeias de Perúgia e Assis, e lá pude ver os imensos Centros de Poder que São Francisco desenvolveu, e encontrei pela primeira vez a luz radiante e o canto da Irmandade Jovem (o Reino Animal). E ali, de repente, deparei-me com a Sally. Eu tinha-lhe enviado mensagens de tempos a tempos para as esferas musicais, e fui mantendo um olho nela, mas ela estava fora da minha linha, muito elevada na escala do mundo musical. Eu recebia sempre uma resposta: "Estou bem, Pat, adoro isto e estou a aprender a grandes golpadas coisas que me teriam levado anos a dominar na Terra." Mas em Itália, com a Avó, que é, claro, muito avançada em música, voltei a encontrá-la.

Lá estava ela, entre um grupo de músicos que estavam a treinar os pássaros embriões nas vibrações exatas do canto que seriam chamadas à atmosfera por essa leva de passaritos da primavera. Era completamente fora deste mundo — e também fora do meu! Lá flutuavam, sem peso, apenas acima da Terra, tocando os picos das montanhas e extraindo deles as vibrações, traduzindo-as no canto dos pássaros de 1959. Vais dizer: "Mas o canto dos pássaros tem sido o mesmo há milhares de anos." Sim — para ti! Mas para cada nota que ouves, outras três são emitidas cujas vibrações são demasiado altas para o teu registo terrestre.

Tal como os cães pastores conseguem ouvir um assobio que tu não consegues captar, os pássaros têm toda uma gama de escalas além da compreensão humana. Os pássaros estão numa linha completamente separada, e o resultado do seu canto é o crescimento espiritual do mundo hoje. Ele passa por canais tradicionais, martelando as mentes dos músicos construtivos, guardado e dirigido por pessoas que atravessaram com entendimento de música e canto. Digo "e canto" porque o canto, produzido por um corpo vivo intersectado pelo espírito, tem uma vibração completamente diferente de qualquer música produzida por metal, madeira ou tecido morto.

A Sally quer que a mãe dela saiba isto e diz: "Não fiques zangada comigo por não fazer mais esforço para me aproximar de vocês todos. Permiti-me ser levada por este vórtice de som porque tive de criar uma espécie de vácuo entre as minhas duas vidas, senão nunca conseguiria agarrar-me a esta; e sem isso seria inútil para todos vocês. Vi muitas pessoas a lutarem para se agarrarem ao mundo físico, e elas conseguem; mas depois não fazem nenhum progresso aqui, e nós somos destinados a ser os vossos canais para ir mais além. É maravilhoso, mamã! Estou completamente envolvida em música. Dá-me alimento, abrigo, confiança, tudo."»

Ao mesmo tempo, C.S. enviou-me parte de uma carta da mãe dela, que tinha sido uma musicista talentosa na sua vida na Terra:

«Tenho-me encontrado com a tua jovem protegida, Sally — uma criatura adorável. Tornámo-nos amigas imediatamente. A Sally está muitas vezes entre os pássaros, como penso que te foi dito. Ela adora todos os animais, e isso pô-la em contacto com as vibrações de São Francisco de Assis. Já tive o grupo dela comigo várias vezes, revocalizando os centros sonoros. Esta será uma das próximas descobertas no vosso plano; na verdade, os "sensitivos" já estão a ouvi-los.

Aqui, em Itália, na Escócia, na Irlanda, em breve serão ouvidos — no início apenas de forma intermitente por aqueles que sabem; depois começarão gradualmente a produzir as sequências sonoras. É a única forma que posso descrever estes Centros. Eles não transmitem melodia como vocês a conhecem. Pode começar com um zumbido baixo que sobe e desce num cadência definida, e de repente algo se acende dentro de ti, e tu ouves. É assim que virá...»

Para além do seu interesse intrínseco, esta carta acendeu, como numa cadeia de jactos de gás subitamente acesos, correspondências com várias experiências pessoais incompreendidas nos meses anteriores. Uma delas foi aquela mesma experiência musical, ouvida de forma clarividente, que descrevi em The Swan in the Evening: um zumbido rítmico que subia e descia — ou murmúrio, como lhe chamei — que de repente se dissolvia em música sinfónica.

Mais uma vez, forneceu uma possível pista comprovativa para uma frase recebida dois meses antes, numa sessão (não no CPS), que eu tinha tentado apagar da memória por causa da sua irrealidade desoladora e trivialidade. Algumas palavras que pareceram, por assim dizer, escapar-se no final da sessão tinham, no entanto, ficado a ressoar,

simplesmente porque pareciam demasiado estranhas e inesperadas para não serem, de algum modo, verídicas. As palavras foram: "Birdie. Uma espécie de ama, ela diz." Eu tinha até feito perguntas cautelosas para saber se algum membro da família da Sally alguma vez empregara uma ama cujo apelido fosse "Bird".

Por fim, houve um sonho colorido extraordinariamente vívido que sonhei (e registei imediatamente) algumas semanas antes. Vi um bando de pássaros de plumagem brilhante a sair de uma sebe. Pareciam estar a seguir alguém à frente deles — alguém invisível para mim — da forma como os pássaros seguem alguém que confiam que vai espalhar migalhas. Alguns não eram muito diferentes dos escrevedeiras, mas maiores e mais brilhantes, e todos eram iridescentes. Um, com uma crista de joia flamejante, aproximou-se do meu ouvido, abriu o bico ao máximo e soltou uma torrente de notas penetrantes e deliciosas. Ao acordar, senti-me intuitivamente convencida de que aquele "vislumbre" se relacionava simbolicamente, ou de facto, com a nova vida da Sally.

Sally: «Estou com tanta vontade de te deixar ouvir a minha voz. Estou mesmo bastante orgulhosa da forma como me mostraram como produzi-la; faço as coisas mais inebriantes e excitantes! Estou a fazer plantas crescer, a ajudar árvores a lançarem ramos. Posso ajudar rios! — e o canto dos pássaros em uníssono pode ser usado para controlar e dirigir a mecânica real das coisas, como levantar pesos. Temos palestras emocionantes sobre o uso do nosso poder; e nunca nos é permitido exibir-nos até termos controlo completo, porque vocês são todos muito vulneráveis. Até agora só me deram pequenas tarefas, mas para mim tudo isto é emocionante e maravilhoso — fazer coisas moverem-se sem lhes tocar.»

Patricia: «Com música, não precisas de a produzir tu mesmo. No caso da Sally, ela é o amplificador da música, mas o ecrã sobre o qual essas vibrações são lançadas para se tornarem materializadas, ou como preferimos dizer, personalizadas, é feito pela APRECIAÇÃO. Muitas das pessoas que assistem aos Proms, por exemplo, não são produtoras de música elas próprias, mas são os canais através dos quais esta substância nebulosa e encantadora passa pela humanidade.

O interessante é que podes ter demasiados produtores e uma insuficiência de "absorvedores" — como no caso da Alemanha. Eles produzem um desequilíbrio mental. O mecanismo para absorver música é como um órgão digestivo! Ele recebe as vibrações e reorganiza-as em planos superiores — de onde, claro, elas vêm. Fecha o circuito (aller et retour!) e sem qualquer retour não há manifestação do Divino.

O talento da Sally é o mais encantador — a capacidade de extrair som de todas as vibrações dormentes num lindo jardim em Itália. É muito mais fácil fazer as coisas cantarem em Itália.»

Patricia está a referir-se ao jardim etérico correspondente à antiga vila da avó em Cadenabbia. Uma ou duas semanas depois, quando C.S. me visitou em Londres e escreveu para mim, Sally (tipicamente) repudiou esta "capacidade" dela.

Sally: «Sei que a Pat te contou sobre o jardim em Cadenabbia — oh, minha querida! Não fui eu. Eu não o fiz cantar. Ele cantava, simplesmente cantava porque estava cheio de música. Já estive lá antes, noutras vidas, e pode ter sido um ligeiro clique no éter que desencadeou a música, mas não fui eu, de verdade! Quero que a mamã me use mais. Quero fazer parte da vida dela — é apenas se trabalharmos através de vocês que podemos evoluir nós próprios. Alguns de nós, como sabes, vão para os espaços além do planeta, mas o meu trabalho é a música, e tenho de trazê-la, com as suas adoráveis vibrações, para a vida de todos os que conheço e amo.»

Sally — Escrito pouco depois da morte de Lord Sandys:

«Quando descobri que o teu Arthur conhecia a mamã, foi quase como se o carteiro tivesse chegado com um pacote vindo directamente de casa.

Tive uma sorte terrível por ter o meu canto e o meu amor pela música, porque isso rompe todas as barreiras; e estou tanto na Terra entre as vibrações da música quanto aqui. Adoro ver o nascimento do som, o seu crescimento em melodia e o desenvolvimento em harmonia, e depois o derretimento do ciclo sonoro de volta à melodia, e novamente ao som, e então à terra — à Mãe Terra que os absorve, os acolhe e recria as vibrações sonoras.

Os nossos planos, e vários outros também, estão ligados pela música. Adoro seguir a grande música desde o nascimento até ao seu retorno. É muito parecido com o ciclo de vida de uma alma; cada som nasce, cresce, desvanece-se e retorna de onde veio. Tudo é fascinante e tão natural. Diz à mamã isto; diz-lhe que a música é uma espécie de passaporte que me leva através do universo.»

Sally: «Nesta altura do ano estamos muito ocupados. Somos todos enviados para chamar as vibrações do crescimento do solo. É tão divertido poder olhar através da terra, como se tivéssemos olhos de raio-X, e ouvir o estalar dos bolbos e o rastejar dos rebentos jovens… Estive nas Ilhas Scilly, a ajudar a fazer sair os bolbos. Especializo-me em flores — outras pessoas trabalham nas árvores, ou nas raízes vegetais, ou nos frutos; cada um é uma linha separada. Os bolbos são os mais fáceis e os frutos os mais complicados. Estou a aprender todos os ramos gradualmente, porque tenho um grande sentimento por tudo o que vem do solo.

A ciência da vossa era é uma das coisas que estou a tentar aprender; mas, como sabes, eu era muito mais inclinada para as artes. Aqui vemos como é vital compreender ambos os lados… Tenho muitos amigos maravilhosos, e estou a tornar-me tão ocupada e feliz na minha nova vida que perdi todo o sentido de arrependimento pela vida na Terra. Mas oh! Tenho um desejo tão intenso de vos dar as boas-vindas a todos aqui. Será absolutamente maravilhoso quando pudermos todos ser inteiros novamente e deixar de vaguear neste estado dividido.»

Sally: «As pessoas pensam que podes concentrar-te numa só coisa, mas se o fizeres, privas-te das riquezas adquiridas através de outros canais. Se te concentrares apenas na música, tornas-te um técnico, mas não um músico ou um intérprete. Recebi uma

formação tão sólida em pensamento, cor e som — sinto-me como se tivesse PERCORRIDO as esferas do som; voz — fala — canto — é tudo um só, como um pedaço de tapeçaria tecida.

Deparei-me com pequenos mundos musicais que me deram imenso prazer. São literalmente minúsculas esferas, ou mesmo planetas etéricos, onde todo o crescimento é realizado através do som. Aprendi os usos daqueles sons muito horríveis e barulhentos, como os aviões a jato a romper a barreira do som, e assim por diante. Sempre que ouvires um ruído monstruoso, lembra-te de que ele está a fazer algo; está a quebrar o éter e a purificá-lo de energias negativas e positivas para um novo pensamento. Na guerra, grandes espaços foram limpos por essas bombas — e o éter foi limpo também, para novas ideias. Às vezes, o ruído paralisava a mente e nada acontecia; mas mais tarde, como em Coventry, o som tomou forma através das mentes dos homens e das mulheres, e a nova catedral foi materializada.

O ruído continua no éter: já não o ouves, mas está lá, a cumprir a sua missão. Muitas vezes é convertido em música de tipo moderno; e com o tempo, pode ascender às vibrações superiores e manter o poder sublime.

Passei por muitas das esferas sonoras, ouvindo, apreciando e até odiando algumas delas. Mas todas têm os seus usos, e a vasta multiplicidade de mundos dentro de mundos nunca deixa de me fascinar.

Fiquei tão surpreendida pelos artistas de jazz! Eu não tinha um entendimento profundo do jazz. Achava-o divertido, mas não exatamente música, mas agora vejo que é a manifestação primitiva de outro tipo de música, muito mais avançada. Ainda não consigo compreendê-lo, mas hei de conseguir! — é até difícil para mim ouvir; tem uma vibração tão alta que permanece apenas um momento na nossa atmosfera e depois ecoa para o próximo plano, e assim sucessivamente. Estou a tentar captá-lo, para que o jazz possa desenvolver-se e atravessar alguns dos maravilhosos acordes dissonantes que são as notas de poder. No momento, tens poucas notas de poder no plano terrestre; pelo menos elas estão presentes, mas raramente são emitidas. Podem impor obediência e ação. São perigosas quando há ditadores por perto!

Quanto posso eu ver da tua vida? Apenas quando me chamas aos teus pensamentos. Se estás ocupada com pessoas e coisas, então eu também estou, e estamos completamente inconscientes uma da outra. Mas no momento em que pensas em mim, ou algo me traz à tua mente, então vejo vividamente tudo o que está a acontecer à tua volta. Chamas-me muitas vezes, por isso estou constantemente a receber flashes da tua vida e interesses e a juntá-los… Mas para muitas, muitas pessoas isto não acontece. Ou as famílias deixam de pensar nelas, ou enviam pensamentos tão estranhos, fechados — cheios de tristeza e limitações.

Isto causa grande desconforto aqui, e estamos em agonia quando algumas pessoas ouvem os pensamentos das suas ligações terrenas… Uma das principais razões para a morte e a separação é que devemos aprender a projetar os nossos pensamentos e

personalidades tão fortemente uns para os outros que esta separação aparentemente violenta deixe de existir. Estou a desaprender a maior parte da técnica musical que aprendi na Terra, mas será útil de outras maneiras. Por exemplo, no trabalho de receção (cura) que faço com a Pat, e que todos nós temos de aprender, acho a minha música — do estilo antigo — muito útil. As pessoas acalmam-se facilmente com uma melodia conhecida.

Os sons constroem, sabes, e nós construímos os salões e hospitais mais emocionantes para a receção das almas quando chegam da Terra. Às vezes, os pensamentos dos despertadores reagem sobre as nossas estruturas, fazendo-os lembrar vidas passadas e revivê-las rapidamente; e então o despertar neste plano é muito mais fácil, porque prepara o cenário para um exame pessoal do objetivo da vida passada.»

Sally: «A forma como o universo está todo interligado é absolutamente fascinante. Alguns tipos de vida estão a crescer e a desenvolver-se num planeta, outros noutro; é como uma série de estufas com diferentes temperaturas e condições. Ultimamente tenho tentado aprender sobre a vida vegetal etérica e onde ela emerge para os animais ou para os homens e mulheres etéricos. Estes mundos estão muito estreitamente ligados ao grande mundo das fábulas e lendas; e toda a mitologia continua a surgir naturalmente.

Já vi bastante do funcionamento interno da Terra; isto é absolutamente maravilhoso! Aniquilam o tempo para nós e deixam-nos ver todos os minerais a formarem-se e a tornarem-se. É como um filme — mas é uma realidade. Nunca me canso da maravilha de entrar na terra sólida e caminhar tanto na terra como na água como se elas não existissem. Ambas fervilham de vida e energia, e o espírito de cada uma é inteiramente separado e individualizado. O nosso trabalho, assim chamado, está todo entrelaçado com interesse e excitação, e o riso nunca está ausente. O riso aqui tem outra qualidade; limpa o cérebro e ilumina a aura.

Meu Deus, mamã! Sabes, estou mesmo terrivelmente contente por ter vindo para cá jovem. Tinha um cérebro maleável e não ideias rígidas para eliminar.»

Sally: «Não é estranho? Sinto-me mesmo muito próxima esta noite, sinto mesmo como se estivesse sentada contigo no mesmo tipo de corpo. Está tudo tão calmo e encantador aqui; temos mais luz, muito, muito mais luz. Mas muitas vezes penso que a beleza do plano terrestre é muito difícil de igualar. Voltei a Java, que sempre achei tão linda, e vi-a do lado etérico, e sabes, não a acho assim tão bonita — ou devo dizer, não tão distinta de todos os outros lugares. Diverti-me imenso, como o Arthur, a tentar chegar a lugares que costumava conhecer, e a outros de que apenas tinha ouvido falar, como vários sítios perto de onde vivíamos, mas aos quais nunca tinha realmente atravessado as montanhas. E quando tentei fazê-lo sozinha, tudo desabou e simplesmente deixou de estar lá.

Consegues imaginar o meu horror ao ver a estrada desaparecer e eu de volta ao plano etérico! Chamei alguém e perguntei: "Porque não posso ir às aldeias nas colinas, de que

costumávamos ouvir falar?” E o meu professor explicou que todo o mundo é apenas o esboço de uma ideia na mente de Deus; quando vamos fisicamente a um lugar, agarramos esse esboço e tornamo-lo nosso; mas ainda assim não há realidade nele, é apenas um esboço do nosso próprio cérebro, e assim, quando recordamos e visitamos esses lugares, estamos a chamá-los à existência a partir do espaço por causa da nossa memória deles. Consegues seguir-me? Isto parece tão extraordinário.

Eu disse: “Mas onde, então, está a Realidade?” “A realidade”, disse o meu professor, “reside no coração. Não há mais nada. Todo o resto é tão mutável como as névoas da manhã.” Gostas e desfrutas e chamas as coisas à existência, mas o coração cria a realidade e o cérebro torna-a concreta, e os dois, soldados juntos, formam uma substância de valor eterno. Estou a ser demasiado etérea? A mamã vai entender, porque ela escreve neste plano da realidade e usa o coração… Fui ensinada pela Pat a fazer um pouco de cura com o meu canto. Descobri que a música é frequentemente real — mas apenas partes dela. Certos floreios não duram, simplesmente caem, como a estrada caiu em Java.

Este negócio de estar meio aqui e meio aí é muito frustrante porque tanto do vosso mundo me é querido. Quero mantê-lo, guardá-lo para sempre. Mas dizem-me que apenas a essência da sua beleza permanecerá, e que será algo tão belo que não acreditarás que alguma vez tenha tido algo a ver com o mundo material. Sou devota da Terra — todos somos — e o espírito da Terra é tão maternal e bondoso. Somos todos seus filhos, e ela acolhe-nos e conhece toda a história das nossas alegrias e tristezas.»

A carta seguinte foi escrita depois de eu ter feito a minha primeira visita à Catedral de Coventry:

«…Vi alguém na Catedral de Coventry esta tarde, mas não era um Mestre — apenas um purificador a preparar o caminho para os espíritos superiores. Quando estes grandes Seres entram no corpo etérico mais baixo, é quando a sua presença conta para vocês. Quando entram, como muitas vezes fazem, no corpo vibracional mais elevado, vocês não têm qualquer sensação da sua presença. As vibrações mais altas são tão rápidas que se perde toda a noção de forma. É por isso que precisamos desta fortaleza sólida que é a Catedral — para conter os seus raios.

Gostava tanto de ouvir a música do órgão. Posso ir, agora que já estive uma vez contigo. Sabes, temos esta estranha incapacidade de ir a lugares que nunca visitámos, pelo menos nos nossos corpos etéricos; e eu apenas consegui alcançar uma divisão ou duplicação do meu corpo. A música em Coventry será algo completamente fora deste mundo, porque consciente ou inconscientemente eles anexaram esta curiosa torre em forma de antena ao telhado, e a música escapará por aí para construir cidades no éter.

A música tem um poder de construção maravilhoso. Sabes como uma melodia alegre de marcha desperta galhardia em soldados cansados; isso é uma propriedade construtiva — constrói ação consciente nos seus cérebros. A grande música wagneriana tem o

efeito mais profundo. Não consigo falar do auge do poder construtivo da música porque isso já sai completamente da minha esfera.»

Sally: «Agora, mamã, é Natal (1963). Não é maravilhoso? Não consegues ouvir a música das nossas esferas? Elas estão a transbordar de som e a despedaçar tanta maldade no vosso plano. Vou experimentar alguma forma da grande presença de Cristo este ano. Sei que podemos fazer isto sempre; mas no Natal, quando a força é direcionada diretamente para a Terra, o fluxo é supercarregado. Entreguei-me à música, às crianças, aos animais e aos pássaros.

Tenho estado tão ocupada nestes outros canais — o tempo todo senti que me estavam a conduzir em direção a Cristo; mas agora devo aproximar-me muito mais e sentir o toque divino das Suas vestes. Vou com a Pat e o Douglas para o éter superior encontrar o Grande Iniciado. Sei que haverá outros Seres tremendores, mas para nós, habitantes da Terra, Cristo é o mais alto.»

Esta carta é a primeira em que Sally se refere especificamente a Cristo; mas a partir daí, como se verá, ela escreve sobre Ele cada vez mais plenamente.

Sally: «O livro (*A Man Seen Afar*, de W. Tudor Pole e R.L.) deixa muitas perguntas sem resposta; elas permanecem na mente do leitor como alfinetes espetados prontos para se prenderem a qualquer pensamento passageiro da mesma vibração; e esta é a única maneira pela qual as pessoas podem aprender a pensar e investigar por si mesmas. Eu também beneficiei disso. Descobri que estava a viver naquela época em Roma.

Consigo ver as grandes salas e terraços onde nos sentávamos e discursávamos sobre este novo Mestre… De alguma forma, a história deste jovem fazedor de milagres era tão real para mim que, quando ele morreu e toda Roma disse "ainda bem!", fiquei horrorizada e deitei fora todas as minhas roupas alegres e vivi em farrapos para mostrar a minha miséria pelo seu fim.

Depois chegou-nos, muito secretamente, a história da Ressurreição. No início ninguém acreditou, mas eu estava tão ansiosa por acreditar que fui mais longe e disse que tinha a certeza… Esta ideia cresceu tão fortemente dentro de mim que uma manhã acordei com a sensação de ter realmente visto Cristo. Não sei quanto disso era desejo, mas naquela época Ele apareceu a muitos fora da Palestina, e agora estou certa de que também no meu corpo onírico encontrei e falei com o Jesus da história, bem como com o Cristo Cósmico. Foi por causa da Crucificação que Ele pôde penetrar em muitas camadas diferentes de éter e tornar-se um com vibrações infinitamente mais baixas, mesmo do que as que existiam na Terra naquele tempo…

Quanto mais penso nos dias da Encarnação de Cristo, mais claro se torna. Vejo-me a mudar sob a influência direta das Suas vibrações e, no entanto, permanecendo apenas parcialmente consciente delas. A primeira coisa que me lembro é de me sentir bem! Estava frequentemente no que, suponho, chamarias má saúde naqueles dias. Havia tanta febre e peste. Depois que este Homem veio e habitou entre nós, todos começámos a ter mais energia: também a reparar naqueles entre nós que estavam

doentes e a sofrer. Ele despertou a simpatia pela primeira vez. Ninguém notava os doentes e os aleijados. Eles simplesmente estavam lá — sempre tinham estado lá, e era só isso. E então, de repente, veio sobre todos nós uma ânsia de sermos curados, de nos sentirmos bem e vigorosos.

Isto deve ter-se espalhado por todo o sul da Europa. Nunca vi Cristo no Seu corpo terrestre quando eu estava no meu corpo terrestre, mas sabia que toda a formação vibracional da vida tinha mudado, e o resultado dessa vida tornou-se cada vez mais visível nas minhas vidas seguintes. Entrei na Sua aura ainda repleta dos ensinamentos dos druidas e de alguma da sabedoria essénia: por isso, a minha aura era recetiva, e eu vi e ouvi, mas fui incapaz de compreender a extensão do que via.

Este fio de contacto com Cristo aproximou-nos cada vez mais — até que descobri que íamos estar dentro do mesmo círculo familiar — o que aconteceu tantas vezes… O poder que tive numa vida muito antiga para usar as pedras de Glastonbury deu-me o poder de ver dois Cristos distintamente diferentes — um o Cientista, outro o Mestre. Cada pessoa vê-O na sua própria vibração. Vocês irão vê-Lo novamente, como eu vi, resplandecente e radiante.»

Esta carta veio em resposta a uma minha, perguntando sobre anjos.

Sally: «…Vemo-los de tempos a tempos e eles misturam-se de perto com os espíritos evoluídos, como os santos e os que foram tocados por Cristo. A primeira vez que vi um anjo fiquei encantada. Havia este maravilhoso corpo iridescente — sem asas, penso eu, como costumávamos pintá-los — mas a arder em cores, muito mais vibrantes do que qualquer um de nós; eles lançavam-nos à sombra. Olhei e olhei para este anjo e perguntei por que razão ela (acho que era uma ela!) estava ali.»

Ela estava parada, completamente imóvel, e disseram-me que estava a enviar raios para as igrejas, mesquitas e templos recém-construídos na Terra. Perguntei: «Onde, neste momento?» e deram-me a vibração da catedral de Coventry, que então era bastante nova. Pedi para me deixarem seguir os seus raios de pensamento e encontrei-me a deslizar por um raio até ao novo coro. Não conseguia ver muito do edifício por causa dos raios que saturavam o lugar. Perguntei se podia falar com o anjo, e ela respondeu em pensamento: «Claro. O que queres saber?»

Eu disse: «Tudo. Como podem as paredes conter os raios, como reagem os raios e posso vê-los a atuar sobre a congregação?» O meu anjo sorriu e disse: «Olha agora». E eu vi raios individuais literalmente a bombardear a estrutura dura das paredes e a permanecer lá, como pedaços de metal a brilhar. Vi pessoas a entrar e a sentar-se perto das paredes, e a luz dos raios a encher-lhes as auras. O anjo disse: «Claro que agora temos de ensinar as pessoas a absorver o poder das suas auras, depois de o termos lá colocado».

Olhei para ela e pensei: «Como?» «Vai perto e sopra o teu hálito para dentro da aura — soprando-o suavemente para o corpo da pessoa». Tentei e tentei, mas os corpos eram tão duros que era como soprar sobre uma pedra. Por fim, entrou uma jovem

enfermeira, e vi que ela era feita de matéria mais macia, e fui até ela com entusiasmo; ela captou a vibração e corou de excitação, começando a rezar como acho que nunca tinha rezado antes. Vi a sua aura completa de desejos: sucesso num exame, sucesso com o namorado e com o grupo com quem ela desesperadamente queria ser popular — e de repente tudo se tornou possível, e ela acabou por sair para a luz do sol levando consigo um brilho interior que espero tenha durado algum tempo. Volto de vez em quando para fazer este trabalho, e é muito gratificante. Quase sempre há anjos à volta das novas catedrais.»

Fogo no mar e no éter

Sally: «… Eu estava lá quando aquele navio (novembro de 1965) pegou fogo — foi uma provação terrível para todos nós. Ainda estou a tremer pelo contacto horrível com o fogo… O fogo do vosso tipo terrestre queima de um plano para outro, e não conseguimos pará-lo. Pelo menos foi assim no início. A Pat estava comigo, e vimos as chamas a lamberem os corpos etéricos daqueles que fomos enviados para ajudar. Eu tinha duas pessoas em grande sofrimento, mesmo depois da separação dos corpos. O fogo físico, ou a sensação do fogo, estava gravado nas suas mentes.

Então levámo-las para o éter superior, onde a vibração do fogo não existe sob esta forma, e por isso não havia nada a refletir o fogo nas suas mentes. É a qualidade refletora do fogo que multiplica a vossa dor e alegria; mas há certos bolsões no éter onde nada refletivo existe; e ao entrar e sair deles não se sente nada. Para lá apressámo-nos com as nossas vítimas gravemente queimadas, e elas gradualmente deixaram de sofrer; e penso que agora estão todas em sono profundo.

Vamos falar um pouco sobre este poder de reflexão — tenho trabalhado tanto com ele ultimamente. Todos nós temos de construir o nosso próprio canto refletivo no éter; pelo menos, a maioria de nós que se dedica a algo construtivo. O meu canto — tenta visualizar isto com clareza — é uma parede de luz. Comecei com uma encosta, mas precisava de paredes para proteção contra outras vibrações, por isso fui gradualmente construindo as minhas paredes de luz e mobiliando-as com música e cor.

Não tenho forma no meu canto; está tudo vazio, exceto pelos raios e o centro musical, que espalho sob a forma de pequenos redemoinhos de acordes e melodias. Quis que a luz refletisse a música, e isso tornou-se realidade à medida que eu trabalhava; e agora, se levo alguém para o meu salão, podem sentir o poder refletivo de ambos. K está deitado no meu salão neste momento. Ele está a dormir; mas quando acordar, os seus próprios guias, família e amigos estarão todos a usar as minhas paredes para refletir o seu amor e ajudá-lo a regressar à vida.»

«Voltei com a Pat ao naufrágio. Está horrível agora — e todos os que estavam destinados a vir para cá hoje já deixaram os seus corpos. Adorei ajudá-los, estavam tão ansiosos, e uma vez que podiam ver-nos ou ouvir-nos, era fácil. O fogo limpa e reduz tantas vibrações inferiores — mas quase nos enlouquece ao mesmo tempo. O fogo está no ar em toda a parte agora. Desde a explosão da bomba atómica, o fogo foi aceso na

atmosfera, e por isso torna-se muito facilmente um facto, esse é um dos grandes perigos quando as pessoas libertam estas forças sem saberem o que estão a fazer. Já vi grandes nuvens de fogo não aceso a flutuar no éter.

É apenas o reflexo, mas um que mantém a sua força mesmo depois de a imagem original ter sido retirada. Uma das coisas importantes em que estamos a trabalhar agora é como produzir outro reflexo sobre o reflexo do fogo, e assim suplantar o poder deste terrível elemento. Nos grandes planos científicos cultivam-se muitos novos elementos — entre eles, um conhecido como o «matador de fogo».

Mas quando o sobrepomos, ele tende a deslizar para longe sem lançar uma nova imagem, por isso o poder adesivo para fazer os dois fundirem-se tem de vir da nossa própria personalidade. Aqui, temos de nos gastar se quisermos selar um pacto! É muito extenuante, e muitas vezes sentimo-nos completamente sem esperança, tal como vocês. Então, de repente, o nosso grito de desespero traz a resposta sob a forma de algum Espírito muito elevado, e todos os nossos medos são afastados como um rebanho de ovelhas, e tudo se torna claro e simples…

Entretanto, estou a crescer na música — usando cada partícula de criação para extrair som: árvores, montanhas, flores, riachos e oceanos — e a tentar uni-los em harmonia. Não sabes quão maravilhoso é o efeito que todos os pensamentos retrospetivos tiveram, e quão emocionante é sentir e ver as forças totalmente novas que o somatório chama para a atmosfera terrestre. E além disso, para a aura de cada um que participa em pensamento e oração vem um pequeno reflexo que altera toda a perspetiva química do corpo etérico. Podes estranhar eu dizer química — mas há químicos etéricos além da vossa compreensão, que partem do vosso mundo da química sem interrupção e conduzem diretamente até às esferas mais elevadas.»

A próxima carta foi escrita após a morte súbita de uma amiga próxima. Ela não me tinha confidenciado qualquer pressentimento, mas tinha-me pedido para jantar com ela numa certa data para discutir a questão da sobrevivência à morte corporal.

«… Disseram-me antecipadamente que esta velha amiga da mamã estava para vir para cá. Ela sabia — teve um pressentimento de que a sua hora estava próxima, e pediu a ajuda da mamã para se preparar para este grande passo. Mas antes que a mamã pudesse sequer encontrar-se com ela, soou a hora e ela veio para cá. Não importou nada, o facto de ela saber que não estava preparada abriu o canal da sua consciência. Se não tivesse registado este pressentimento, teria lutado contra ele e provavelmente teria permanecido num estado semi-consciente durante dias e semanas. Sabes como as pessoas muitas vezes se prolongam quando lutam contra a morte.

Prepararam-me lavando a minha aura com ouro e mostrando-me o corpo astral que estava lá, à espera dela. Nunca tinha visto um astral vazio antes, é o corpo-casca mais bonito que possas imaginar, e espera pelo momento da passagem e depois envolve a alma, dando-lhe força e eliminando qualquer sensação de mudança — ou até de frio. Eu estava muito perto, mal ousando respirar, mas fazendo-o muito ritmicamente, como

tinha sido ensinada, e quando chegou o momento de o coração cessar e o corpo físico relaxar, o etérico saiu bastante livremente e foi graciosamente envolto pelo astral em dobras de matéria espiritual. Parece uma nuvem florida, toda quente e acolhedora, para envolver o jovem espírito renascido no estado correto de vibração.

Havia muitos à volta dela, e disseram-me para estender a mão sobre ela e pensar intensamente na mamã. Fi-lo, murmurando o nome dela e enviando o teu amor conforme me foi orientado. Ela parecia adormecida e não registava nada. Depois levantou-se muito rapidamente e disse: "Estou bem agora." Eu não sabia o que dizer. Sabia que ela ainda não podia ver-me, por isso fiquei quieta e esperei. Ela olhou diretamente para mim e disse: "Calor! Sim, calor, tenho de aquecer de novo. Que estúpida fui, deixar-me arrefecer assim." Acho que o raio de amor a estava a aquecer.

Eu disse o nome dela distintamente. Ela levantou os olhos e respondeu: "Sim? Quem me chama?" Eu disse: "Sally — a filha da Rosamond." Ao ouvir isto, o rosto dela abriu-se num sorriso e ela disse: "Oh Sally! Estava tão ansiosa por entrar em contacto contigo através da tua mãe. Agora estarei em contacto com a tua mãe através de ti." Ambas rimos — e ela ouviu-me e disse:

"A tua voz, minha querida! — é tal e qual a da tua mãe." Continuei a falar, porque vi que a minha voz a estava a acalmar. Ela já sabia que tinha passado para cá, e estava a ouvir, mas sem conseguir ver. Então, assim que conseguiu vislumbrar a minha aura, o esforço foi demasiado, e ela afundou-se e adormeceu.»

Esta carta foi escrita pouco depois do nascimento de uma criança em quem ela estava muito interessada.

«Estou estupefacta com a complexidade do nascimento deste lado. Todos pensamos que é um grande fardo na Terra — mas aqui eu pensava que eles eram moldados a partir do éter. Claro que estava errada! Levaram-me às esferas onde as crianças — ou melhor, onde as almas são preparadas para a encarnação. Há muitos tipos e estados de desenvolvimento diferentes.

Algumas crescem na vida terrena de forma bastante natural. Outras têm de aprender porque é que a vida terrena é tão importante; e se podem ganhar ao vir, como isso deve ser feito. Levaram-me à fase seguinte, onde almas, tendo encarnado, pediram uma nova encarnação e foram testadas para ver se podiam sustentar as vibrações da Terra e carregar o peso da matéria materialista.

Tudo isto foi feito através de vibrações. Vi muitos, muitos espíritos adoráveis serem testados e considerados inaptos para a Terra e serem informados para procurar outro lugar. Perguntei "Onde?" — e disseram: "Noutro planeta — não tão tenso como a Terra. Aprende-se tanto na Terra em pouco tempo; é por isso que ela é tão procurada." Então olhei para as almas que foram aceites.

Eram de um tipo muito mais robusto; menos etéreo e com um bom equilíbrio. Essa era a primeira necessidade, disse-me o meu guia. A Terra é a professora do equilíbrio. Se

fores sem qualquer equilíbrio, estás perdido lá; e muitos destes seres etéricos suaves simplesmente não têm equilíbrio.»

«Eles estão completamente orientados para Deus. Olhando para eles, eu disse: "Mas porque é que o equilíbrio é tão vital se estão totalmente voltados para Deus?" "Não vês," foi a resposta, "isso é uma mentalidade de escravo; excelente nas vibrações mais simples, mas quando estás a treinar almas para aceitarem a consciência Crística tens de ser capaz de diferenciar entre o bom e o menos bom — tornar-te, de facto, um indivíduo; e todas as almas nascidas na Terra vêm com esse objetivo."

Esperei e observei, e vi muitos que pareciam completamente inadequados para se tornarem Cristificados; mas disseram-me que o desenvolvimento a partir da massa é muitas vezes rude, mas forte; e esse era um dos principais testes, se são ou não adequados depende deles.

"Mas aqui temos uma alma que foi escolhida para os teus cuidados. Vais tomar nota dele?" No início, fiquei um pouco desiludida — ele parecia tão apagado! E eu disse: "Como posso despertar inteligência nesta criança?" "Olha," disseram, "olha! mesmo agora ele está a mudar — diante dos teus olhos. Só estavas a ver o seu meio-etérico. Parte do seu espírito é demasiado elevada para tu veres; mas vai entrar em foco gradualmente."

Esperei e observei; e, gradualmente, aquele rosto algo apagado ganhou vida e tornou-se vívido e sorridente. E eu falei com ele e disse: "Estarei contigo muitas vezes. Não te esqueças de mim, nem de como eu pareço, e poderei ajudar-te." Ele pareceu compreender. Vi-o desaparecer lentamente da minha visão, e quando ele se foi, perguntei: "Oh! Ele já nasceu na Terra?" "Não, claro que não," responderam. "Ele está apenas agora a tomar posse. Está a vivificar o corpo que está a crescer no ventre da mãe. O nascimento é lento, e a paciência deve ser aprendida à medida que cada etapa segue a outra num ritmo de harmonia infinita."

Pensa em quantos dos nossos amigos têm abortos espontâneos, ou perdem crianças ao nascer ou pouco depois, e ficam de coração partido. Depois nasce outro, e vive na Terra; e os dois crescem juntos, um do vosso lado do véu, o outro na Luz sobre ele (ou ela). E é muito óbvio, olhando para os nossos amigos, mesmo quando são adultos, quantos têm essa semente de contacto passado com a criança que veio e partiu antes de nascerem… Estamos todos profundamente em dívida com os bebés não nascidos ou recém-nascidos que mantiveram a Luz sobre nós quando viemos ao mundo da matéria.»

«Perguntas como eu pareço agora. Na verdade, eu própria não sei bem! mas penso que muito semelhante ao que era, exceto que tu verias luz à minha volta e cor na minha aura. As auras mudam de cor à medida que pensamos, falamos, nos movemos e encontramos novas influências; assim, quando estou a escrever-te, a minha aura muda de azul para amarelo ou dourado, ou para verdes e púrpuras, voltando a rosas — e assim por diante. Temos uma conversa de cores que acontece automaticamente. Os

pensamentos podem ser expressos tão bem em cor! Muito, muito mais facilmente do que por palavras. A Pat e eu falamos muitas vezes em cores. Ela adora o alfabeto das cores, e eu também.

Começamos a acender toda uma gama de cores áuricas no momento em que passamos para cá; e ela cresce e cresce, estendendo-se para fora e para dentro até NOS TORNARMOS a aura de cor, e o nosso pequeno eu parece fundir-se nela. Ainda me sinto do mesmo tamanho. A minha aura seria uma adição externa ao meu tamanho original, e eu teria de começar uma "dieta de aura" se quisesse mantê-la dentro dos limites do quarto onde estás sentada. Mas no espaço isso não importa. Uma coisa que quero explicar mais: quando dizes que, ao pensares connosco, expandes o teu conhecimento, fazes mais do que isso. Estás, de facto, a crescer o teu novo corpo.

Todos os que elevam a sua aura para pensar fora do alcance da Terra estão a crescer o seu novo corpo; isso por si só é emocionante de ver. Estou sempre a manter-me em contacto próximo com o teu, e à medida que ele cresce torna a nossa ligação mútua mais próxima, e tu estás a começar a desenvolver as glândulas embrionárias para a receção das superfaculdades. Embora não possam ser usadas no plano terrestre, podes começar a ter perceção e compreensão delas. Por exemplo, a música; não te significa mais a cada mês que passa?

Não sentes certos acordes a tornarem-se subitamente parte de ti, como se a música estivesse a entrar nos teus corpos mais finos? — quase como se a estivesses a beber literalmente. O mesmo com a cor. Procura a cor que te dá a reação mais ampla e depois concentra-te nela e deixa-a fluir sobre e através do teu corpo mental e gradualmente infiltrar-se no novo corpo. Adoro observar isso. Acontece tão facilmente em meditação.»

«Agora a mamã quer notícias de L. Ela libertou-se de todas as circunstâncias angustiantes da sua morte e agora está livre e feliz. Ela envia-te uma mensagem. É esta: nunca permitas que qualquer Igreja tome posse de ti. É pior do que a posse por um indivíduo e muito mais frustrante. Mesmo agora estou possuída de formas completamente alheias à minha natureza.

Penso que muitas vezes subestimas o poder das tuas vibrações físicas. Elas vêm diretamente do sangue. O sangue é o material mais maravilhoso! Visto por nós, é como um favo de mel intersectado por milhões e milhões de minúsculas células, cada uma contendo uma vibração diferente e todas contendo cor. Por isso, olhar para o sangue é como ver e até segurar uma peça maravilhosa de tapeçaria. Agora entendo as leis por trás das transfusões de sangue — porque é que as pessoas muitas vezes recuperam mas às vezes morrem se a tapeçaria não se adequa à sua própria estrutura… »

«Sim, já vi o meu Eu superior! Acho que todos nós vimos. (Ela quer dizer, penso eu, todos os amigos dela do "além".) É o objetivo que nos é dado seguir, é como uma lasca da Divindade. Mas o entusiasmante é que, quando nos é dada uma tarefa, é possível chamar o nosso Eu superior — para nos mostrar como pode ser feito. Disseram-me

para avançar com a minha música para a cura da depressão entre os doentes sem esperança. Fui aos hospitais e tentei as minhas coisas habituais sem resultado. Então pedi ao meu Eu superior o que poderia ser feito, e a resposta veio: a doença é uma coisa absorvente.

Tens de tocar o mais simples, repetidamente — uma cantiga infantil — algo conhecido, se possível, pelo recetor. Fiz isso. Peguei em "Three Blind Mice" e tornei as primeiras linhas muito monótonas — depois atingi um crescendo sobre a mulher do agricultor — e encontrei palavras completamente diferentes a serem colocadas na minha boca e estava a usar outras melodias — músicas muito antigas que devo ter tocado há mil anos. Fiquei tão entusiasmada que comecei a esquecer-me completamente da cura e voltei com um sobressalto quando uma velha disse:

"Isso é lindo! Como aprendeste essa velha canção? Fez-me mesmo bem." Isso explicou porque é que a minha música melhor por vezes não resultava. Precisamos de todos os tipos de música; por isso não fiques zangada com os compositores pop! — todos têm o seu papel a desempenhar.»

A carta que se segue foi escrita poucos dias após a morte de um amigo, cujo sofrimento heroicamente suportado eu tinha acompanhado durante semanas.

Sally: «… Gostava que pudesses ver o rosto dele agora — sem rugas, apenas juventude, saúde e a alegria de viver, tudo voltou enquanto ele aguardava o momento em que o seu novo corpo será realmente seu para usar e falar. Não o deixarei — ele veio até mim diretamente de ti…

Ainda não assimilei as suas vidas passadas, mas enquanto ele dorme vou estudá-las, porque não podemos realmente ajudar as pessoas aqui a menos que conheçamos pelo menos duas das suas vidas anteriores. Vou passar cuidadosamente pelos detalhes à medida que eles se desenrolam na sua aura. Nunca fiz isto antes… O espírito dele está a vaguear nas terras altas da subconsciência espiritual — uma experiência muito real e em crescimento: e nada deve perturbá-lo ou puxá-lo de volta neste momento.»

Escrito dois ou três dias depois:

«Estive a dar mais uma espreitadela: ele está sereno e feliz — parece muito quieto, profundamente adormecido, mas como sabes, não é sono como o conheces. Ele está agora a experimentar uma espécie de sono consciente, no qual lhe estão a ser mostrados os efeitos da sua vida passada e como isto ou aquilo o influenciou. Ele voltará ao seu corpo espiritual equipado com uma memória da sua vida completa. Não quero dizer todas as suas vidas — isso leva tempo — mas dos motivos e influências entre os quais a sua última vida foi passada. Fiquei muito interessada em saber que ele tem uma alma gémea.

Essa alma deve estar com ele agora, explicando e ecoando os seus desejos passados. Não sei bem como estas almas trabalham juntas, mas suponho que ele seria o guia do irmão. Muitas vezes ficamos para trás e temos de voltar e recomeçar. Eu já fiz isso

várias vezes, e não importa nem um pouco. O tempo não altera as nossas relações com aqueles com quem estamos naturalmente agrupados; e ao voltar atrás só podemos enriquecer as nossas vidas com mais experiência.»

«Agora já sei o que são fantasmas e espectros — são apenas invólucros deixados para trás por alguma personalidade vibrante, aos quais algum pequeno resíduo de vida ficou agarrado. Vejo-os muitas vezes e uso-os para ligar vidas passadas. Acho que ainda não encontrei nenhum dos meus, mas a Pat diz que já encontrou os dela, e que não gostou nada dos seus velhos invólucros.»

«Agora perguntas o que estou a fazer. As nossas vidas são tão diversas. Tento dividir a minha entre o trabalho na Terra contigo e com os amigos — a tentar manusear e separar os raios emitidos da Terra, que chegam numa confusão de discórdias, e alinhá-los novamente nas suas cores primárias; isto alivia tensões e dá oportunidade a novas ideias. Também me divirto imenso a misturar os raios do riso, estes são completamente novos para mim — são as coisas mais estranhas de lidar. O riso pode ser como mercúrio quando encontra o meio certo e se torna uno: mas quando queres inseri-lo no centro de alguma combinação de raios apagados, simplesmente não há maneira.

O riso é tão valioso — tem um poder de crescimento tão rápido e faz a tensão desaparecer instantaneamente. Estou a aprender a usar este tecido muito caprichoso.

Passo muito do que vocês chamariam tempo a praticar o riso — primeiro nas crianças — é um meio natural. Todos nós chegamos ao mundo tecidos com fios de riso; mas a menos que sejam encorajados, podem facilmente dissipar-se… Alguns risos adultos são à custa dos outros, ninguém os provocaria se pudesse ver o retorno que têm sobre si próprios. Tento acalmar estes risos causadores de problemas e sigo para os criadores de espírito e escritores de verdadeiro humor.

Suponho que, neste momento, o riso é o meu principal campo de estudo. Depois vou para as esferas mais escuras e levo Luz. Todos nós fazemos isto — é um trabalho bastante emocionante, porque quanto mais o fazemos, melhores são os resultados. Tornamo-nos, penso eu, magnéticos, e muitos são atraídos para a luz apesar de si próprios. Para muitas pessoas na Terra agora, o sol nunca significou mais do que calor e uma sensação mais agradável do que a chuva, por isso temos de os incentivar a desenvolver um sentido de sol interior. Tenho uma família com quem ando por aí.

Vieram de um bairro escuro, mas com cuidado estão a crescer de forma encantadora. A Mary já casou — num certo sentido. O sentido é que ela tem um filho, e o pai está encantado, e através do riso do bebé estou a cultivar um sentido de responsabilidade nele e na pequena mãe divertida, que é tão desorganizada que parece impossível. Estes dois não são maus de forma alguma — são apenas crus e pouco desenvolvidos, é mesmo emocionante experimentar raios com eles. Mas tem de se ter cuidado e ir devagar.»

«Sobre os teus argumentistas russos.* Eles são realmente um grupo muito duro, e foi difícil ao início fazê-los ver-nos, mas uma vez que o fizeram estavam tão entusiasmados

quanto nós. Lembra-te de que ainda estão ligados aos seus corpos físicos, e são cientistas antes de mais, na forma como pensam. Levámo-los a vários planos diferentes dentro da Terra. Estes planos são mais intrincados do que fora do planeta porque estão muito mais interligados.

- A parte factual da história relacionada com este grupo foi deliberadamente omitida — por agora. R.L.
  Por exemplo, levei-os às esferas da música — e eles estavam francamente fora da sua profundidade. Cor e forma são os dois campos para eles experimentarem. Mas acho que a música libertou-os um grande passo mais além. Quando os deixei ouvir os grandes acordes de alguns concertos de Bach a ecoar nas cavernas onde os elementos da acústica são transportados para a Terra, ficaram aterrorizados — e eu também, por um momento! Sentia-se cada célula despedaçada por estes sons majestosos; e claro, o meu corpo está sintonizado com a música, enquanto os deles não, por isso foi um teste difícil. Eu costumo ir sempre dois passos além do que devia! Mas todos me agradeceram pela experiência, e vamos tentar novamente, com um eco mais pequeno. Eu queria que eles tivessem música para misturar com as suas vibrações de cor… e agora eles estão a misturar ambas.»

«A Pat levou-me às cavernas de águas profundas que se estendem muito para dentro do planeta. A água parece ser um elemento que a música segura, por isso levámos a nossa música para lá, e os resultados foram ainda mais dramáticos, porque a água refletia a reação das cores imediatamente, e isso tem um efeito muito estranho nos nossos corpos etéricos. Comecei a sentir: ESTE é o segredo da vibração para cura, e agora estou a levar esta vibração da água comigo. A Pat diz: "Usei-a em ti, mamã, e vê como te ajuda".»

Sally: «… Estou tão feliz por poder contar-te sobre o Natal (1967) agora, enquanto ainda está fresco na minha aura. Sabes que vou com a Pat e o Arthur às altitudes elevadas de vibração e retiro todo o tipo de experiências maravilhosas delas. Estava a fazer isto, mas — sendo o tempo menos difícil para nós — sabia que irias precisar de mim no Natal. Havia uma névoa cinzenta sobre o teu Natal, como visto antes de acontecer. Não sabia que era doença. Pensei que era uma falta de gentileza ou algo mais pessoal contigo, e até fiquei um pouco aliviada por ser gripe! Mas preparei-me assim; ancorei um dos meus corpos auxiliares em ti.

Já fiz isto antes, mas nunca quando estava a partir para uma viagem tão emocionante. Planeei tudo com a Pat, o Arthur e o Douglas, e fizemos um canal etérico para que todos pudéssemos alimentar o meu (corpo auxiliar) com energia, se necessário — e assim, lá fui eu! É sempre uma experiência absolutamente emocionante que nunca ousamos perder, porque tanta aprendizagem e poder de crescimento são libertados. Eu sabia que seria mais útil para ti ao enviar poder de volta do que ao ficar e deixar-me esgotar. Fiquei tão feliz por te ver entre as crianças e como todas elas se divertiram!

Elas estavam, na verdade, a banquetear-se com raios que só podem ser libertados no Natal.

Adorei ouvir as suas gargalhadas e alegria. Que Natal maravilhoso fizeste para elas! Claro que sem ti elas não teriam recebido nenhum deste superpoder de alegria — e tu terias sentido uma planura de desolação e depressão intransponível. O meu poder é especialmente ativo para a juventude. Se eu ligar o meu poder demasiado fortemente sobre ti, mamã, e a Anna não estiver lá, ou algum outro jovem, descubro que te deprimo. Alguma vez reparaste nisso? Tu és o contacto perfeito entre mim e a Anna e qualquer uma das outras crianças.»

Sobre um suicídio:

«Sim, claro que te ouvi chamar, e estive contigo imediatamente. Ela é uma cliente difícil. Encontrei-a não só inconsciente, mas a forçar-se a permanecer assim. Envolta em névoa cinzenta. Chamei a Pat para ajudar, e ela disse: "Não vale a pena tentarmos fazer nada. Só um Cristificado pode ajudar." Então todos tentámos enviar ajuda de Cristo para este corpo morto auto-imposto. No fim, Ele conseguiu reavivar o interesse dela em viver, mas ela estava muito relutante e continuava a dizer: "Quero morrer."

Mas Ele respondeu: "Vês, não há morte, é tudo uma grande mentira que cresceu na Terra." "Mas eu quero morrer. Não quero enfrentar os meus amigos e familiares novamente, quero desaparecer." "Podes fazer isso se desejares tão fortemente não ver ninguém da tua vida passada. Podes avançar para o espaço, mas tendo querido a tua própria morte tens de permanecer dentro da aura deste planeta até ao momento marcado em que deverias ter vindo para nós." Ela suavizou um pouco sob a influência d'Ele e começou a sentir que podia viver na Terra. Mas novamente: "Por favor, não me deixem ver nenhum dos meus velhos amigos."

Isso pode ser conseguido pelo próprio desejo de repulsão. É difícil porque és atraída para eles por outros laços. No entanto, podes imaginar um lugar onde gostarias de viver, e alguns espíritos que nunca te conheceram virão e mostrar-te-ão como reconstruir a tua vida. Ela pareceu razoavelmente contente com isto e começou a pensar num país. Disseram-lhe: "Atiraste tudo isso fora. Agora estás no plano etérico, onde constróis o teu próprio país." Tudo isto era um pouco demais para ela compreender, por isso, felizmente, ela está agora a dormir e esperamos que, quando acordar, alguma Luz de Cristo possa ser encontrada na sua aura.»

«Gostava de te contar sobre o meu Natal; como entrámos nesta galáxia de Raios e sentimos a Companhia Cristificada entre nós. Eles reuniram-se de muitas estrelas; e o sentido de avanço que trazem é tão intenso que é quase destruidor para o nosso pequeno eu. Estou a habituar-me a ser feita e desfeita continuamente por estas grandes explosões de Espírito. Deveria estar habituada — treinei para isto em muitas outras vidas; mas quanto mais subimos, mais emocionante é cada revelação à medida que chega; e suponho que os nossos corpos de raio estão mais levemente

entrelaçados, e podem separar-se e regressar aos nossos próprios padrões de pensamento com bastante facilidade.

O Natal é um dos momentos paralisantes em que o tempo fica completamente parado e vemos o mundo inteiro sob o microscópio dos Raios Cristificados. Parece tão mal em certos lugares que mal se consegue respirar. O Vietname, por exemplo… e partes de África. Como todos ansiamos pelo dia em que este mal inerente seja finalmente superado. Entretanto, concentramo-nos e insistimos para que as funções dos raios ganhem terreno.»

… Que maravilhoso da tua parte escrever-me uma carta tão linda a dizer que sabias que eu estava a ajudar no Natal. Mas, querida, tens de te lembrar que é graças a ti e à C. que eu estou tão próxima; vai-te surpreender quando vieres cá e olhares para os teus velhos amigos que ainda estão na Terra e que não têm laços como este a ligá-los ao nosso mundo — e depois olhares para aqueles que, como tu e a C., estão em contacto constante de pensamento connosco — e vais perceber porque conseguimos avançar tão depressa.

É mesmo tudo culpa tua, mamã, que eu não esteja a debater-me na escuridão ou na semi-escuridão em que tanta gente acorda! Milhões chegam cá sem a menor noção — do nosso tipo também, mamã… eu podia ficar a contar-te para sempre sobre o Natal e a maravilhosa acessibilidade de Cristo, especialmente nesta época. Ficavas admirada que eu e a Pat tenhamos conseguido trazê-Lo a… "Mas ela é minha filha", é a resposta d'Ele, sempre que alguém pede ajuda.

Gostava de escrever um pouco sobre esta vibração soberba, o Raio de Cristo. Estou a começar a usá-lo agora na minha música — na verdade, vou eliminar toda a música que não contenha o Raio de Cristo de alguma forma. Isto não significa música de igreja. Nunca prendas Cristo a uma igreja! É uma das piores coisas que o homem fez.

A Pat pediu-me para me juntar a ela com Florence Nightingale quando estavam a receber os raios curativos d'Ele; e quando estive na presença consciente real de Cristo senti — oh! O que senti? Como se tivesse sido passada por um moedor de carne, mas sem dor, e reconstituída como uma Sally melhor e mais sã. Tudo o que Cristo toca é tão sensato; foi a primeira coisa que me impressionou. O êxtase, a emoção e a alegria da Sua presença estavam lá, claro; mas a equilibrar tudo havia um raio profundamente prático de sensatez. Era tudo simples — fácil — certo.

Ouvi-O falar, movendo-se entre vários espíritos que tinham chegado depois de anos como coxos, cegos ou paralisados, em que a ideia de saúde e movimento tinha mirrado até não restar nada. A incapacidade ainda se refletia nos corpos espirituais deles; e Ele estava lá para libertar os seus pensamentos. Foi uma visão milagrosa de Luz — e, no entanto, tão suave; nada de mudanças súbitas ou perturbadoras. Tudo contido na mente e na mão. Ele tocava-os a todos, e recebiam imediatamente o Seu pensamento. Eu observava as suas pobres caras marcadas enquanto esperavam a vez; e depois, ao

toque d'Ele, abriam-se como flores. As rugas desapareciam, e o homem ou a mulher inteiro deslizava para fora da carapaça físico-psíquica.

Só se podia ficar de boca aberta, e eu continuava a dizer: "Porque é que isto não pode ser feito na Terra? Se Ele pudesse apenas entrar num hospital por uma breve hora, despertava-nos a todos para este poder". Ele sorriu, ouvindo o meu pensamento, e respondeu-me em pensamento: "O homem tem de receber razões. Foi-lhe dado o poder da razão, por isso tem de crescer para aprender sobre estas forças que estou a usar, passo a passo. Tem de ver por si próprio a mecânica da cura. Assim, só podemos trabalhar sobre as mentes e ajudá-las a crescer gradualmente." Olhei à minha volta.

Já não havia coxos, nem cegos, nem paralisados: todos estavam aptos e resplandecentes de saúde. "Como é possível — e tudo através da mudança das forças do pensamento?" A Flo e a Pat andavam lá fora, a trazer mais e mais pacientes, e eu fiquei a esperar, a absorver esta experiência divina e a perguntar se não poderia usá-la na minha música. "Mas naturalmente. É por isso que estás aqui — para aprender os acordes curativos e como montá-los. Agora que viste o resultado, vou-te dar o poder de ouvir."

Até agora não tinha ouvido nada. Tudo tinha estado em silêncio. Então, quando Ele avançou para receber alguns pacientes infantis e se inclinou sobre eles, de repente ouvi música de uma nova ordem. Algo totalmente fora do meu alcance. Vi, além de ouvir. Vi a forma dos raios musicais ao entrarem na mente da criança — todos alegres e coloridos, em formas e círculos divertidos. Bolhas de som carregadas bombardeavam a consciência da criança. Prendi a respiração, em admiração e maravilha. Isto estava fora do meu alcance… mas Ele iria puxar-me para dentro desse alcance. Tentei, tentei absorver e absorver todo este fluxo glorioso de som e cor e forma, até que fiquei absolutamente vencida por isso e perdi o contacto consciente, simplesmente caí de volta ao meu próprio nível.

… Mal consigo lembrar-me da pequena e estreita prateleira onde costumávamos encaixar Cristo nas nossas mentes e vidas. Ele mal estava lá. Depois chegamos aqui, e o Cristo Magnético é o dador da vida para nós — a essência total da vida aqui. Não tens ideia de como é divertido ver o agnóstico ou o não-cristão a perguntar gradualmente sobre a força motriz da luz e da energia, e ouvir que tudo vem de Cristo. Ouvi um homem, um velho Professor teimoso, resmungar alto de desgosto, e quando lhe explicaram cuidadosamente, e lhe mostraram a Luz de Cristo, ele não conseguiu lidar com isso e ficou completamente cego durante um tempo, como São Paulo…

Tive tanta sorte — sempre O aceitei na beleza e no sacrifício — toda a história me cativava apesar das minhas primeiras encarnações; e quando vi Cristo soube que tinha chegado ao ponto de viragem da minha vida. O maravilhoso e o assombroso disto é impossível de descrever em palavras. Todos vocês o conhecerão individualmente, e o estranho é que se sente como se todo o sangue em ti estivesse a ser extraído, e ao mesmo tempo outro tipo de essência estivesse a entrar nas veias e artérias, e fosses, de facto, uma pessoa completamente nova. A minha visão mudou, a minha audição

mudou, a minha música significava muito mais para mim, toda uma nova gama de notas surgiu.

E é o mesmo com os órgãos de perceção, que mal se reconhece como parte nova e vulnerável do nosso novo corpo. Começa no cérebro e estende-se pelos pulmões e coração, de modo que todo o nosso corpo fica cheio deste novo método de saber. Como é possível viver sem ele? é a grande questão. Mas, claro, muitos de vocês estão a desenvolver estes órgãos na vossa aura; uma espécie de corpo de extensão que podemos usar. Mamã, este é o teu próximo passo. Pensa neste órgão de perceção e fá-lo crescer na tua aura. É como um sol radiante e é gerado ou no topo da tua aura, ou diretamente sobre a tua testa.

É tudo por esta noite, mamã, e obrigada, obrigada, Cynthia! Por favor, deixa-me escrever de novo em breve.

PARTE DOIS — PATRICIA

Por Cynthia Sandys e Rosamond Lehmann

PREFÁCIO

por Cynthia Sandys

Como tudo começou

O meu pai e o meu cunhado morreram com poucas semanas de diferença. Eram amigos, ambos pessoas muito determinadas e cheias de integridade. A minha cunhada partilhava das mesmas ideias que eu sobre a vida futura e, sabendo que eu tinha uma ligação muito próxima com o meu pai, sugeriu que tentássemos juntas a escrita automática.

Ambas tínhamos praticado meditação e, usando-a ao máximo, aliada ao nosso desejo profundo de estabelecer contacto, fizemos a primeira tentativa. As respostas vieram lentamente, depois mais rapidamente, mas perdiam-se sempre que exigíamos mais do que um "sim" ou "não"; ainda assim, foi suficiente para eu sentir que algo estava a passar — e se conseguia fazê-lo com o meu cunhado, porque não com o meu pai, com quem tinha uma ligação tão íntima?

Comecei a tentar sozinha, usando apenas o método — meditação — e o desejo fervoroso de atravessar a barreira. O resultado surgiu tão depressa e com tal velocidade estonteante que fiquei quase assoberbada. Nessa altura, a caneta corria demasiado rápido para eu acompanhar, e o meu "eu telepático" começava a tomar conta.

Aqui devo avisar qualquer pessoa que siga o mesmo caminho para ter cuidado e ir devagar. Fica-se sobrecarregado com uma nova corrente que, até se estabilizar, torna o

sono impossível. Com cuidado e muito bom senso, recuperei o equilíbrio e comecei a escrever e a ouvir regularmente com o meu pai. Durante muito tempo escrevi apenas com ele. Ele avisou-me para não deixar mais ninguém usar o meu canal. Apesar de ele próprio ser ainda um recém-chegado ao mundo etérico, sabia que podia proteger-me de quaisquer forças negativas — e fê-lo de forma muito eficaz, até que a minha filha e o meu marido se juntaram a ele no seu plano, dando-me assim uma gama mais ampla de comunicadores e proteção completa contra quaisquer intrusos que pudessem tentar usar-me.

Notas sobre nomes que surgem frequentemente nas cartas da Patricia

John, ou Johnny, é o marido dela.
Douglas é o primo, morto em 1944.
Myles é um primo, morto em Itália durante a guerra.
Olga é a madrinha dela.
"Dougie" é o bisavô, Sir Douglas Galton.
"Silver" é o espírito de um místico índio americano, conhecido por Patricia ainda em vida, através da mediunidade da falecida Sra. Sharpin, uma sensitiva bem conhecida, muito amada e respeitada.

Patricia — Primeira carta

Escrita um mês após a sua morte, a 10 de fevereiro de 1957

Patricia: Oh, mamã, eu adoro este plano. Nunca me disseste como uma pessoa se sente terrivelmente bem aqui! É maravilhoso estar cheia de energia e poder saltar diretamente do chão — e ficar no ar! Dá uma sensação quase de embriaguez. Não consigo entender como a nossa Terra se tornou tão terrível e, mesmo assim, continua ao alcance destes raios maravilhosos. Estou muito confusa quanto à diferença entre o Raio de Deus e o Raio de Cristo, tudo o que sei é esta sensação gloriosa de paz absoluta… que atravessa tudo, até mesmo a minha dor por precisar do Johnny… até isso cede, e sinto como se alguma substância quente e estimulante estivesse a ser derramada nas minhas veias, refazendo todo o tecido celular do meu corpo.

Chamam-lhe a "Presença". Não tem nada a ver com a ideia de Presença que eu associava a Deus: algo imponente, que te faz prender a respiração em assombro e sentir-te menor que nada; aqui é exatamente o contrário, literalmente invade-te, fazendo-te querer rir e sentir-te feliz, algo que se aconchega mais perto de ti do que tu própria, mais perto ainda do que o Johnny, ou como se o Johnny fizesse parte disso. Há uma sensação de respirar a mesma Divindade. Quando ele pensa em mim, respiramos juntos, e o sopro que nos liga é DEUS… na verdade, tudo é DEUS… mas foi-nos permitido esquecer…

Patricia: Criação é um termo muito amplo, não significa "fazer" de todo, significa permitir e acolher a Força da Vida a fluir através de nós, como quiser.

Eu estava louca para ter um filho. Tão louca, de facto, que vou ter um! Isto foi-me concedido aqui, quando a minha solidão e saudade pelo J. eram tão intensas que me disseram que um espírito-criança se tornaria parte de mim. Agora que sei o quão completamente o bebé físico entra no corpo da mãe, já não sinto necessidade de posse ou sentido de propriedade, apenas a alegria intensa de ter a responsabilidade de proteger e ensinar uma jovem vida.

Vim para cá cheia do amor do J., e através da combinação destas duas forças consegui lançar o desejo de criação com tanta força no éter que ele germinou e cresceu. Vou ter um bebé no sentido etérico. Não perco a minha forma! Pareço exatamente a mesma, mas debaixo do meu coração cresce a entidade consciente e subconsciente de uma criança. Ela (é uma menina) veio para mim com toda a beleza de uma personalidade completa, conhecida e amada por nós em outras vidas.

Perguntei à Pat: O bebé já nasceu?

Patricia: Não, não no sentido em que está separada de mim. O éter dela e o meu estão juntos, tal como o teu e o meu estavam quando eu crescia no teu corpo. Mas já conseguimos falar, rir e estar em sintonia. Ela nunca será um bebé no teu sentido da palavra, mas desenvolverá um pequeno corpo maduro no plano etérico e ficará comigo, precisando da minha ajuda constante, tal como eu precisei, mas não por tanto tempo. Já esteve connosco antes, mas ainda não absorveu nem integrou as experiências dessas outras vidas.

É uma coisa fascinante, e estou maravilhosamente feliz por ter alguém dependente de mim. Que sensação tão linda, LINDA, é ser PRECISADA de uma forma tão primitiva…

Bom dia, mamã. Queres saber tudo sobre o bebé? Vou começar pelo princípio. Eu estava com a Olga, a aprender a perceber as imensas possibilidades aqui deste lado, e ao mesmo tempo sentia-me terrivelmente sozinha e estéril, parecia que tudo tinha sido em vão. Tinha começado a aprender cura pela Natureza, mas nunca terminei o curso. Tive um casamento e uma lua-de-mel maravilhosos e um ano inteiro de felicidade em África, e agora esta rutura completa… Estava a viver todos esses complexos com a Olga, que é a professora mais maravilhosa e que via e entendia cada movimento do jogo. Ela viu que a cura mais rápida para o meu sentimento de fracasso seria a maternidade.

… Fui levada a um templo lindíssimo no meio do bosque, onde foi realizada para mim a cerimónia do Nascimento Espiritual. A cerimónia era de tal forma extraordinária que tremo só de a descrever; foi um serviço de som e cor, cheio de expectativa e desejo da minha parte. Vozes, multidões de vozes, cantavam de uma forma que só posso descrever como uma narrativa da minha vida, das minhas esperanças e anseios — tudo era cantado por vozes invisíveis de forma tão pungente, que me tornei tão emotiva que deixei de ver, apenas OUVI e SENTI. Então uma explosão de luz cobriu-me, e senti-me como se estivesse no centro de um feixe concentrado de refletores. Mas não havia refletores; a luz aparentemente vinha do nada, e o raio penetrava-me por completo.

Ao início não senti nada, depois começou um formigueiro e o arco-íris de luz misturada parecia absorver-me nos seus raios; então, começando muito baixinho, como um riso prateado, surgiu o som das vozes. Pareciam estar a cantar as canções de embalar de todos os tempos, e gradualmente um torpor tomou conta de mim, e não soube de mais nada… até muito mais tarde, quando a Olga me acordou. Ela estava a rir e a abanar-me com um leque, dizendo-me para acordar e aprender a ser uma boa mãe; eu ia ter uma criança e teria de lhe dar todo o amor e cuidado possíveis. Eu não conseguia acreditar, estava tão excitada. Sempre desejei ter filhos, e aqui está o primeiro a aproximar-se devagarinho, mas muito mais depressa do que na Terra. Não sei quando ela vai "nascer", e não tenho pressa. É maravilhoso ter uma pequena criatura para acarinhar e sentir que me pertence. Vou chamá-la Thea.

Crianças a despertar depois da morte

Patricia: Mamã, disseram-me que todas as crianças acordam num lugar lindo, criado pela própria imaginação. Cada criança tem um refúgio trancado na sua própria mente. Pode ser uma imagem que relembra algo da sua vida pré-natal. Em qualquer caso, todas as crianças, quando dormem, vão para esse doce jardim das suas mentes, e acordam na Terra ou revigoradas pelo contacto, ou deprimidas quando as vibrações terrenas as tocam e percebem o contraste demasiado grande.

Um menininho chegou cá com a imagem do zoológico na mente e, ao acordar, encontrou-se novamente no zoológico, mas todos os animais estavam soltos e eram amigáveis, e ele foi convidado a alimentá-los com coisas familiares, como sacos de papel. Ficou imediatamente tão excitado que a sua visão se expandiu rapidamente e começou a ver todas as outras crianças. Algumas estavam em corpos de sonho e outras, como ele, tinham passado para cá completamente.

Quando ele começou a perguntar pela mamã e pelo papá, disseram-lhe: "Eles foram para casa, e vamos levar-te até eles agora, se quiseres." No caminho, ele adormeceu. Isto continua enquanto o corpo espiritual da criança precisa de recuperar. A criança acorda, brinca com os animais, alimenta-os, monta-os e dorme alternadamente. Um dia, encontrou a mãe no corpo de sonho dela. Ela ficou encantada e ele também, e não havia papá. A criança adorava a mãe e tinha medo do pai; por isso, a alegria de ter a mãe só para si foi maravilhosa. Quando ela o deixava para acordar na vida material, ele dormia. Isto continuava durante algum tempo, satisfazendo e refrescando ambos.

Então, um dia, ele seguiu-a até ao corpo físico dela e, quando ela acordou, claro, não conseguia vê-lo. Ele ficou intrigado, mas não infeliz, porque tinham estado tanto tempo juntos, e um dos seus guias veio explicar-lhe que aquele era o mundo da mamã durante o dia, e ele teria de a deixar ir trabalhar como de costume e esperar pelo seu regresso à noite. As crianças aceitam isto com bastante facilidade e voltam aos planos brilhantes da infância com imenso alívio. Acham as vibrações terrestres muito difíceis de suportar. Tudo isto torna a passagem de uma criança algo muito fácil e feliz.

Aqui ao meu lado está uma menina que chegou depois de lhe terem dado uma linda boneca de fada. Ela ficou tão entusiasmada que a boneca quase de imediato se eterealizou e tornou-se a sua companheira constante. Muitas vezes fui buscar o equivalente etérico de brinquedos favoritos e coloquei-os nos braços de crianças adormecidas. Eles dão um apoio enorme e são como um crucifixo para alguns adultos. Nunca, nunca temas pelos teus filhos. O cuidado e amor que recebem aqui supera toda a amargura da separação — que a criança nem percebe durante muito tempo, se é que alguma vez percebe.

Erigal, na Irlanda

No verão, passávamos muito tempo em Donegal e muitas vezes subíamos um velho monte vulcânico chamado Erigal.

Patricia: Mamã, quero escrever sobre o Erigal. Sabes como todos nós o adoramos. Pois bem, agora estive por todo ele em dois planos além do físico, que nem conta muito, porque é só à superfície.

Primeiro, fui pelo centro dele, com um gnomo bastante querido. Ele é um pequeno travesso que anda a brincar perto do hotel. Aliás, foi ele que tocou os sinos uma noite no solstício de verão, e tu ouviste-o! Ele chama-se Coama, ou Coala, e está sempre bem-disposto. Ele convidou-me a ir ver onde e como todos eles viviam, e de onde tiravam a energia para viver do Erigal. Foi como um conto de fadas. Entrámos por uma fenda na rocha virada para Dunlewey. Era como na Alice no País das Maravilhas; íamos cada vez mais rápido para o centro da montanha. Eu estava emocionada. Era bastante iluminado, por causa do quartzo luminoso que brilhava com um esplendor bárbaro em intervalos irregulares. E no centro chegámos a um vasto salão, onde todas estas criaturas brincalhonas de repente ficaram quietas… depois, todas viradas para uma grande face negra de rocha, ficaram imóveis e, a um dado momento, levantaram todos os braços e soltaram um grito como uma nota de música selvagem. Lembrou-me uma coruja, ou o vento a soprar por entre ramos nus.

Depois, ainda virados para o rochedo negro, permaneceram imóveis, sem mexer um músculo. Olhei para a rocha e vi que ela passava lentamente de negro a cinzento, depois a prateado e branco, e por fim a um dourado ofuscante… Deve ter demorado vários minutos. Durante esse tempo, os gnomos mantiveram-se rígidos, sem sequer piscar os olhos; depois, quando a luz cintilante e brilhante jogava como uma cascata de raios sobre os seus braços erguidos, repetiram o grito e desabaram no chão, ofegantes… Muito, muito lentamente, a luz foi-se apagando de volta ao prateado, depois ao cinzento, e finalmente o rochedo negro estava lá, sombrio e repelente.

Perguntei ao Coala o que significava tudo aquilo. Ele disse que era como um dia de vida. O amanhecer, provocado pelo grito do nascimento, juventude e força, depois o esgotamento da energia e a extinção, com o grito da passagem ou morte. Os gnomos recebem a sua força desta forma; se viverem demasiado tempo sem esta cerimónia de vida e morte, desaparecem.

Havia muito mais, mas quero passar ao Centro Dévico. Abundam aqui os Devas; são espíritos da natureza de um tipo muito mais elevado — não se juntam propriamente a nós nas linhas de evolução, mas podemos trabalhar juntos. A linguagem dévica é pura intuição, e as formas dévicas são vastas e vagas, até para nós, mas muito, muito belas. São como o espírito envolvente da Terra.

Estive deitada algum tempo na encosta, a tentar contactá-los. São tão intangíveis que são difíceis de alcançar e atrair. Depois de emitir o desejo de comunicar com eles durante algum tempo, vi um a aproximar-se de mim e corri logo ao seu encontro (acho que era um "ele" — mas eles parecem não ter um sexo definido). Perguntei sobre o Erigal, e ele sorriu e tocou-me na mão tão levemente que parecia o beijo de uma borboleta.

Ele levou-me consigo ao topo da trilha das cabras entre os picos, que todos nós conhecemos tão bem, e, estando no centro da estreita faixa de terra, de repente dei por mim a deslizar para dentro da montanha, que já não era matéria densa, como no Reino dos Gnomos, mas uma substância flutuante e móvel, que parecia quase tão leve como uma nuvem. A Thea estava comigo e sussurrou: "Terra das fadas, mamã… Não os vês?"

… Isto deve ser o lugar onde eles nascem. Fiquei emocionada e, de facto, à medida que a minha visão se foi tornando mais clara, lá nas margens destas cavernas maravilhosas de raios, muitos, muitos pequenos seres semelhantes a fadas iam crescendo e rindo ao romperem pequenas gotículas ou ovos de luz e juntarem-se ao fluxo geral do Povo das Fadas. Eles parecem não ter pais, são nascidos dévicos, frutos do pensamento da Terra, e com os Devas pertencem à Terra. Eu vivi na Terra, amei-a, fui alimentada por ela, mas não pertenço aqui — nem nenhum da nossa raça.

Lentamente foi-me surgindo a consciência desta liberdade terrestre. Somos aceites na companhia daqueles que vêm e vão entre os planetas, mas também não lhes pertencemos. Não é emocionante e vasto? Não temos casa fixa em nenhum destes mundos físicos ou semi-físicos, etéricos ou dévicos, por mais belos e cativantes que sejam. Temos de SEGUIR EM FRENTE.

Patricia: Mamã, fico tão feliz que as minhas cartas tenham sido apreciadas por todos. Sim, concordo, devíamos tentar despertar mais interesse nas pessoas. Há tantos aqui deste lado desejosos de serem reconhecidos em pensamento pelos seus amigos e familiares, e muitas vezes, quando não conseguem, acabam por se afastar completamente e deixam de ter interesse na família terrestre. É por vezes tão triste, porque podemos ajudar, como sabes, e o nosso amor e interesse (quando o laço é mantido forte) tornam as vidas na Terra muito mais intensas em todos os sentidos.

De repente, a Pat anunciou que tinha estado no Canadá.

Voltei do Canadá e dessa experiência maravilhosa completamente empolgada e, claro, a Thea, sendo a querida criatura mercurial que é, começou logo a saltitar e a dizer "América, América" num tipo de canto, "Quero voltar para a América!", até que eu

fiquei quase maluca… Então, depois de algum tempo, quando achei que já tínhamos digerido a nossa viagem maravilhosa, perguntei à Olga se queria vir também, e lá fomos nós outra vez — desta vez no etérico, não na camada dévica, por isso estávamos mais próximas da América material. Tendo estado uma vez no dévico, foi bastante fácil para mim voltar. Criam-se pequenas linhas magnéticas com os lugares, e podemos viajar de um lado para o outro por elas com bastante facilidade.

A Thea estava numa forma endiabrada, era a própria alegria, e adorou cada momento. A travessia foi fácil, mas não tão interessante nem tão bela como na linha dévica. Não há tanto colorido no etérico, e estou a começar a reagir à cor com as novas faculdades, quando a cor significa som no qual a essência da forma e do aroma se misturam em algo além das palavras.

Nova Iorque: os arranha-céus altos, nus, chocaram-me terrivelmente, pareciam tão inflexíveis; senti uma grande repulsa, uma sensação de "Porque é que viemos aqui?" invadiu-me, mas a Olga disse calmamente: "Isto é apenas a casca exterior, espera…" E eu esperei.

Espiámos a vida nas casas de Nova Iorque — chique, barulhenta e rica, mas havia uma nota forte e rude de simpatia geral que eu não podia ignorar. A Thea ficou fascinada e juntou-se a inúmeros pequenos espíritos americanos que tinham passado para o nosso lado e não eram reconhecidos nas suas casas. A Thea ajudou alguns deles, e dois vieram connosco o tempo todo. Um era um rapaz de cerca de doze anos chamado John, e a outra uma menina de cerca de nove, chamada Sadie.

Eles não se conheciam em vida e ainda estavam muito nostálgicos. Mas a Thea conseguiu curar tudo isso de uma forma maravilhosa. Ela nunca viveu no plano físico, por isso não sabe quão fortes são os nossos laços físicos e, porque ela própria é tão forte e vibrante, estes dois órfãos aceitaram automaticamente os seus valores e tornaram-se alegres e cheios de cor. Na verdade, começaram a VIVER novamente…

A Olga quis voltar ao Grand Canyon e ao Yosemite, onde tinha estado na sua vida terrena, e lá fomos nós.

O Grand Canyon é o lugar mais maravilhoso; lá vários planos encontram-se naquela enorme fissura que vai tão fundo no centro da Terra que os mundos dévicos (fadas, gnomos, espíritos da natureza) abundam por toda parte. São as criaturas mais alegres e felizes, e as rochas e areias banhadas pelo sol deram-nos a todos um grande entusiasmo por aventura. Afundámo-nos bem fundo na Terra e depois subimos até ao grande SILÊNCIO que paira em força mística sobre toda a região.

Chamei em pensamento pelo Silver, e ele veio ter comigo num dos seus corpos menores. Lá estava ele, como tantas vezes antes na sua vida terrena… num cavalo, com as suas penas, o manto e as pernas nuas enroladas no cavalo como se fossem uma só peça. "Então, pequena senhora, o que queres ouvir do velho Silver?"

Eu disse: “Não quero apenas ouvir, quero saber e sentir contigo o grande propósito de tudo isto.”

Ele fez uma pausa e depois disse: “Que propósito? Mas há muitos; aqui é a diversidade que faz a América; é a falta de diversidade que empobrece a Rússia.”

“Diz-me, Silver”, perguntei, “como cresce a evolução aqui?”

Ele apanhou um pedaço de madeira que estava no chão e segurou-o na vertical. “Vê agora, Patricia” (e quando mencionou o meu nome, ressoou dentro de mim e aguçou os meus sentidos). “Olha”, disse ele, apontando para o ramo. “Aqui está a matéria. A parte inferior é matéria primitiva, e quanto mais sobes mais evoluída se torna. Mas a matéria pode escolher a certo ponto, quando a autoconsciência é alcançada — pode continuar por todas as camadas da matéria física até ao momento supremo em que se lança no mais alto etérico (apontando para o topo do ramo), ou pode lançar-se para fora em qualquer estágio desta jornada para o etérico inferior e assim ganhar a ‘segunda visão’ e elevar-se a partir de qualquer ponto.

Agora, aqui na América muitos dos mais simples do meu povo sempre se elevaram do ponto mais baixo da autoconsciência diretamente para o etérico, sem passar pelas outras camadas. Ao fazê-lo, encurtam os estágios cegos físicos; mas, no final, falta-lhes o enriquecimento que sempre vem com o desenvolvimento lento no plano físico.

Quando encontras pessoas em todos os estágios no etérico, às vezes perdem o contacto com a realidade, porque o seu raciocínio não é sólido. Assim, encontras muitas pessoas perturbadas, mas isso é apenas em troca do trabalho árduo, cego e das frequentes misérias dos estágios físicos inferiores. É lento e seguro, mas também pode ser rápido e cheio de luz. Qual vais escolher?”

Sobre um querido cão Cairn Terrier

Patricia: Mamã, claro que estive contigo tanto nestes últimos dias. Vim logo quando me chamaste à noite, quando o pobre velho Montie estava tão doente. Eu não sabia qual seria a melhor maneira de ele partir, ele era tão forte fisicamente. Acho que tomaste a decisão certa, ele estava muito perto do fim, mas tu apressaste-o e poupaste-lhe algum sofrimento. Eu estive ao teu lado quando ele recebeu a injeção e, à medida que o corpo etérico dele se desprendia, eu peguei nele das tuas mãos, deixando-te apenas a carne e o pelo do velho Montie. Ele não me reconheceu de imediato. O seu etérico estava permeado pela doença do corpo físico e tinha a mesma inquietação, por isso usei algum do nosso poder de cura para o acalmar.

Depois tentei imitar a tua voz; ele ouviu, mas não tinha a certeza, havia um som “falso” na minha voz que ele não recordava bem! Coloquei-o num cesto etérico, o mais parecido possível com o dele, e tentei ser tu, até que o sono o venceu e ele adormeceu… e continua a dormir. Ele está adorável. A Thea tem estado sentada ao lado dele e adora a ideia de ter o Montie como companheiro de brincadeiras. Ele está exatamente igual. Neste momento está meio enrolado e lembra-me, como sempre me

lembrou, um pequeno urso das árvores! Já tinha esquecido o quão encantador ele é. Querido velho Montie, vamos cuidar dele da melhor forma, não tenhas medo.

… Sim, mamã, tinhas toda a razão quanto ao Montie. Ele acordou, farejou à volta, fez amizade com a Thea e depois abanou aquela velha cauda independente e foi-se embora para os seus velhos recantos. Ainda bem que puseste de novo o cesto dele no lugar. Espero que ele lá durma muitas vezes, até perder o desejo de dormir. Ele é um querido. Claro que agora consegue ver, mas ainda não muito bem, porque o cérebro dele estava tão habituado a viver sem visão que tem de voltar a desenvolver os antigos canais telepáticos de "ver" em vez de "cheirar", e isso tem abrandado um bocado a sua "fala"! É muita coisa para recuperar de repente. Ele já me reconhece agora e pergunta pelo M. Nós os dois estamos ligados no cérebro dele — suponho que temos o mesmo cheiro!

Até agora, a fala dele tem sido telepática e bastante simples: "Estou feliz… Quero o meu cesto. Tenho de voltar agora." Todos estes são desejos muito nítidos, incluindo "E COMIDA?" Demos-lhe alguma, mas ele não achou grande coisa, na verdade cuspiu tudo! Obviamente queria CARNE! A Thea tentou todo o tipo de coisas, mas ele afastou-se firmemente, até mesmo dos gelados favoritos dela!

A carta seguinte foi escrita apoiada num livro, *The Life of Mary Kingsley*. As aventuras dela em África fascinavam a Pat, cuja curta vida de casada tinha sido passada na Costa do Ouro.

Patricia: Mamã, é tão interessante como conseguimos fundir os nossos pensamentos e corpos mentais. Tudo à tua volta está impregnado de algum tipo de pensamento. Por exemplo, este livro em que estás a escrever, eu não consigo lê-lo muito bem, mas tenho tentado. Vais deixá-lo aberto para mim? Isto é algo que ainda não aprendi, mas já vi outros fazerem-no lindamente. Não deveria ser necessário passar pelo trabalho de ler palavra por palavra, porque, no caso de um livro como este, a aura do livro é tão forte que eu deveria conseguir absorvê-lo todo como um mata-borrão. Mas, em parte porque adoro pormenores e este livro fala de África, consigo ver e sentir cenas nele, e a mulher que o escreveu, mas não consigo ver o suficiente. Quero aproximar-me muito mais e talvez conseguir entrar em contacto com a autora. Ela foi uma das nossas maiores viajantes, e sob condições terríveis.

Quando estás a ler o livro eu consigo vê-lo palavra por palavra no teu cérebro, além do que ela realmente sentiu e viu. Continua a lê-lo e, quando saíres, deixa-o aberto nas melhores passagens.

Não era minha intenção escrever sobre leitura de livros. Mas, já que estamos no assunto, podias ajudar-me muito deixando abertos livros que sabes que eu iria gostar. Todo o tipo de livros, porque quanto mais pensamento terreno conseguirmos absorver, mais úteis somos para ti; é por isso que tenho um trabalho tão difícil com "a minha" família. Eles não deram um pensamento sequer a como as coisas se têm desenvolvido

desde que todos vieram para cá, e têm continuado a viver num tipo de semi-coma confortável, apenas a fazer as coisas de que gostam!

Estou tão entusiasmada e interessada em todos os métodos de cura — vejo-os agora a serem lentamente reunidos num grande raio de SAÚDE humana. Eventualmente, todos vão fundir-se e deixará de haver doenças ou enfermidades. Isso está num futuro previsível na Terra. Mas não imagines que não terás mais uso para curadores e hospitais. Vais precisar tanto deles como agora; porque, à medida que eliminarmos um mal — a doença — o ego avançará para outros níveis de resistência. Terás muitos mais casos complicados do cérebro, e esses terão de ser tratados por operações combinadas connosco. Depois terás imensos casos de lesões ósseas. À medida que o Homem evoluir, viverá cada vez mais perigosamente. Mas esses aprenderás a curar com uma rapidez extraordinária, novamente em ligação connosco.

Primeiro, temos de pôr estas doenças sexuais sob controlo. Adoro o meu trabalho com a Flo, e ela vai a todo o lado — sempre que surge um novo método de qualquer tipo. Estivemos numa nova Clínica de Luz na Califórnia, que ela aprecia muito. Era para desenvolver crianças com deficiências mentais. Conforme as células que precisavam de desenvolvimento, eram-lhes dados raios de luz colorida. Estava a ter grande efeito — vi o cérebro a reagir rapidamente à influência do raio, e depois a acalmar quando a luz era desligada. É um trabalho duro, uma luta constante. A Flo observa o tratamento e, depois, durante a noite, trata os médicos e radiologistas.

A Thea e o Montie estão a entender-se maravilhosamente e, quando o Montie se afastou tristemente de toda a comida que ela lhe ofereceu, ela sabiamente disse: "Então, Montie, PENSA na tua própria comida, agora PENSA no que gostarias de ter, PENSA…" Ele entendeu e, depois de algum pensamento meio confuso, conseguiu reunir uma bela taça de CARNE, e depois lançou-se sobre ela avidamente! Ficou deliciado e agora passa muito tempo, receio eu, a pensar em comida e a comê-la! Mas em breve vai-se cansar de ter os próprios desejos satisfeitos…

Pat passou várias semanas em Craignish, a minha antiga casa em Argyll

Patricia: Voltei a Craignish para recolher vibrações de força de lá, é um centro de saúde maravilhoso, particularmente naquela faixa de terra entre o lago e o outro lado, onde havia uma casa de barcos, mas sem barco! Esqueci-me do nome, mas é um lugar maravilhoso; podes ver ilhas de ambos os lados, ilhas e o mar.

Voltei porque todos nós temos Craignish nos ossos, a M. e a R. também, e quando ela está num estado vibratório baixo, muitas vezes vai para lá; claro que ela não sabe, mas muitas vezes somos curados pelos lugares que deixámos entrar na nossa aura durante a infância física. Todos fomos a Craignish em jovens e amámo-lo, e ao amá-lo deixaste as vibrações entrarem na tua aura, e o canal fica lá para o resto dessa vida física, e possivelmente muitas outras. Só tens de PENSAR em Craignish e todo o conjunto de raios de Craignish começa a tecer-se na tua aura. É um centro fortíssimo. Sou

completamente apaixonada por Scarba e pelas ilhas, todas contêm a mesma vibração-chave que mais precisamos — a plenitude de Deus.

Não somos sortudos por podermos voltar como herdeiros a um lugar assim? Claro que toda a gente pode tirar algo dos lugares que deixou entrar na sua aura na juventude. Eu consigo fazer isso com Bridlington com grande facilidade e prazer, e estar de volta com o "Yorkshireman!" (um pequeno navio a vapor). Mas o nível desses raios, bons como são (e a M. também os capta), não se compara com Craignish… é um lugar maravilhoso, e liga-se às nossas vidas por todo o mundo, porque esses raios jónicos vão a toda a parte; e, à medida que passam, cada cume de montanha lança um chamamento magnético e fica permeado pela luz e poder muito especiais desta pequena ilha.

Costumo sentar-me no rio e observar as diferentes eras. Podemos fazer isso apenas pensando-nos para trás, para trás até ao princípio. O mais longe que consigo alcançar é, suponho, Atlântida. Ainda consigo reconhecer a costa, mas as colinas são muito mais altas e a força da terra é incrível.

Foi esse maravilhoso poder mal aplicado que causou a catástrofe e fez curto-circuito na energia, que foi cortada ao uso da Humanidade até agora. Tivemos de reaprender o uso da plenitude de Deus lenta e dolorosamente, e agora o segredo de como devolver a força à terra está nas mãos dos cientistas e daqueles que a recebem e transmitem.

Vocês chamam-lhe radioatividade e dizem que é perigosa e muito prejudicial, na verdade totalmente má. Mas não é, é realmente um raio de cura muito forte que torna impotentes apenas aqueles que perderam o raio de plenitude de Deus e não têm nada dessa vibração para passar aos filhos; e há muitos assim. Mas nunca precisas temer pelos que têm o raio, a radioatividade só vai aumentar a sua força e beleza.

É um raio purificador que vai proibir a procriação dos inaptos e gradualmente transformar a raça, enquanto ao mesmo tempo os raios saturarão a terra e trarão de volta a oração à Terra.

Patricia: Mamã, querida, estive sentada na tua cama, a refazer a atmosfera do teu quarto. Tal como tu te expandes quando pensas em mim e em toda esta outra vida, eu contraio-me e tento sentir-me de volta às vossas vidas. Esta vida terrena, que todos vocês são feitos para desfrutar (e eu certamente desfrutei muito da minha), não pode ser realmente divertida a menos que a Consciência de Deus esteja entrelaçada nela, e esse é o nosso trabalho, teu e meu. Temos de fazer com que o poder se ancore, se prenda no tecido da terra. Deus está em toda parte, mas diluído em tal número variado de vibrações que só os atentos conseguem discerni-lo! Queremos que toda a terra esteja impregnada.

… O inverno tem sido a época da sementeira; desde o Natal usamos as estações para cultivar força e vida, como vocês fazem. O renascimento anual no Natal, as horas escuras de espera durante a Quaresma, depois o rompimento da terra e a luz e energia do início da primavera, a "Primavera". Há muitos renascimentos ao longo do ano. Natal,

Páscoa — a colheita da primavera a forçar-se para fora do solo, depois a abertura do botão (Pentecostes) em flor e, por fim, o fruto na plenitude de agosto. Quatro aniversários de grande poder, quando novos tipos de raios são focados sobre a Terra, e o elemento de livre-arbítrio do homem deixa a ele e ao seu eu superior decidir se algum desses aniversários desperta VIDA na sua aura.

É algo tremendo que as pessoas agora sintam o impulso de viajar em agosto. É o último aniversário do ano e a festa da maturidade entre os raios, e estes são sentidos muito mais facilmente no sul da Europa, especialmente nas regiões vinícolas, onde a maravilhosa fecundidade é algo completamente fora do vosso mundo do norte. Os antigos desviaram isso para uma orgia de bebida, mas aguarda-se a nova era para ser convertido novamente no festival profundamente místico que é a maioridade do ano. É o cume do crescimento em todos os planos.

Depois de agosto, o raio entra numa condição de preparação para o Natal, e então todo o ciclo recomeça. Não é extraordinário como nos movemos em sintonia, um plano com o outro, todos inconscientes do fluxo que poderia existir entre nós? Mas a Terra é tão lenta a captar este pensamento que o fluxo real é muito ténue.

O Natal certamente acende algo, e a Páscoa um pouco menos. O Pentecostes quase não é notado, e agosto, do ponto de vista religioso, não existe. Então, em vez de crescer em força do Natal até agosto, a Luz nasce e gradualmente desvanece. Marca o Pentecostes e agosto no teu calendário…

Sou muito má a marcar horas, como sabes o quão vaga e distante fico às vezes. Isso significa apenas uma coisa: eu não estou lá, apenas o meu corpo "estendido" está lá, e estou tão profundamente consciente do trabalho que estou a fazer que o teu chamamento não penetrou. A Flo está a ensinar-me a crescer uma borda de escuta na minha aura, mas mesmo assim acho muito difícil manter um registo preciso dos acontecimentos da Terra, quando estou a medir a força do impulso exterior da matéria etérica!

Descrição de uma expedição à Ásia Central

Patricia: Estou tão interessada no meu trabalho, ele leva-me por todo o mundo, e por mundos; com o tempo conhecerei o nosso sistema solar tão bem como tu conheces Inglaterra! A Flo envia-nos para recolher vibrações para isto e aquilo. Elas nem sempre são extraídas da atmosfera. Todas nascem no éter, mas o seu crescimento e desenvolvimento levam-nas para os reinos animal e vegetal.

Da última vez que fui enviada numa destas expedições foi para a Ásia Central, para os centros de poder de que te falaram. Estendem-se por todo o Himalaia até ao Tibete, e à China, Turquemenistão e Afeganistão, e por aí fora. O alcance é imenso, tocando a Pérsia, Arábia e Mongólia do Sul. Fiquei tão excitada quando a Flo me disse para ir a esses lugares. Fui com outros que já lá tinham estado; a Thea e a Olga vieram também. A Olga já tinha feito isto muitas vezes, mas não para a Flo, por isso foi quase tão emocionante para ela.

Partimos como de costume nos raios magnéticos, que são muito parecidos com uma escada rolante em movimento. Se não conheces pessoalmente o lugar para onde queres ir, consultas num gráfico a rota exata para o local; é realmente muito parecido com um horário ferroviário! Tendo escolhido o teu raio, partes imediatamente. Não há espera, porque o raio é constante. Já os usei muitas vezes antes, mas não para uma viagem tão longa. Apanhámos a corrente do Médio Oriente que dá a volta ao mundo. É muito forte e absolutamente delicioso deslizar com ela através de Chipre, Palestina, sim, Mediterrâneo… as ilhas gregas (posso ir lá fora de época!).

Por todo o caminho eu estava a sentir diferentes tipos de poder. Aqueles ao largo da costa ateniense são muito fortes. As montanhas tornaram-se mais altas e estéreis, e os picos mais afiados e alpinos. A forma, força e direção das correntes são moldadas pelo contorno da Terra: suaves e agradáveis sobre terras ensolaradas e férteis — afiadas e agressivas sobre algumas das altas montanhas; enquanto sobre os contornos arredondados têm um fluxo rítmico como o movimento de uma pesada ondulação atlântica.

Expedição à Ásia Central — continuação

Agora gostaria de voltar ao que te estava a contar ontem. Receio que a minha mente ainda esteja a vibrar com os Himalaias. Nunca os tinha visto assim antes. Da última vez que estive na Índia não tive oportunidade de "sentir" as vibrações nas montanhas, porque ainda não tinha passado por toda esta maravilhosa nova sensibilização que alterou e reforçou os meus poderes de "sentir" para além de tudo o que conhecia. Tive de treinar cuidadosamente antes de ir a Vénus, e novamente para esta última viagem em busca da Essência curativa.

A complexidade e a beleza dessas montanhas deixam-me sem fôlego… e a neve! Eu não tinha entendimento da neve. Lembras-te de como eu costumava ficar excitada na neve — e de como o Montie e o Rikki (ambos cães) corriam nela? Agora percebo porquê. A neve é a essência concentrada de todos os raios. Quando cai, todos sentimos uma estranha sensação de libertação, uma sensação de "não me importa o que aconteça". Imagina a neve a cair nos vales dos Himalaias, onde as pequenas plantas já estão embebidas nos poderosos raios das montanhas que vêm sabe-se lá de onde, e depois imagina as flores como eu as encontrei, e a pura alegria que senti apenas em tocá-las. Claro que elas transportam imensa energia. As delicadas papoilas azuis são tão frágeis e, no entanto, tão fortes.

À medida que colhia cada flor, a força etérica que a rodeava parecia sugar o físico e deixar um protótipo muito mais forte na minha mão. Eu simplesmente espetava estas flores na minha aura, que é como uma almofada de alfinetes plástica. Realmente parecíamos extraordinários, carregando a nossa carga áurica. Acho que a minha coleção de flores era bastante maravilhosa — senti-me como num dos cortejos da Batalha das Flores de Menton — mas os outros, que carregavam metais e pedras, eram os mais impressionantes. Quanto mais baças eram as pedras que carregavam, mais poderosos eram os raios que emitiam, alguns deles quase cegavam.

Vou ter permissão para seguir as minhas essências no seu uso hospitalar, mas por agora fui deixada para relaxar…

Eu não sabia em que forma de vida física estariam alojadas as vibrações que estávamos a procurar. Foi como uma caça ao tesouro. A Olga sentiu que devíamos procurar nas montanhas, e encontrou as vibrações dela entre os picos glaciais; mas eu não consegui ver nenhuma das que tinha sido enviada a encontrar; então desci mais para os vales, onde todos os tipos de plantas jovens e corajosas estavam a crescer. Imediatamente senti que a minha "escalação" estava certa, e estava a ser guiada para umas lindas flores azuis, um pouco como anémonas, que estavam repletas das vibrações que eu procurava.

Outras eram como rododendros ou azáleas. Eram perfumadas e de cores vivas — amarelo, laranja e rosa vivo, até ao damasco mais pálido. Adorei-as, eram tão alegres e desordenadas nesses vales áridos, quase sem solo; e, à medida que o meu amor e admiração se dirigiam para elas, a essência vital delas fluía para mim. Vi e acolhi tudo o que deram, até que, com a aura cheia, me voltei para casa.

Encontrámo-nos todos no final, igualmente carregados. Descobri que cada um tinha sido instruído para uma linha diferente de vida: a Olga para os topos das montanhas, alguns para o coração do grande maciço, outros como eu para as flores no vale. Alguns extraíram das aves, outros das rochas à superfície e ainda outros das nuvens e neblina que se agarravam aos altos picos.

… Foi engraçado ver como todos nós nos comportávamos, carregando as nossas diferentes cargas. A minha, por exemplo, fazia-me sentir muito mais leve, na verdade eu estava quase fora de controlo. Quando toquei a corrente magnética, simplesmente disparei pelo mundo fora em direção a casa. A Olga estava muito perto de mim, a dizer: "Isto não é divertido? Como nos tornámos muito mais magnéticas!" Mas aqueles que tinham recolhido do reino mineral iam muito mais à frente em velocidade, os que tinham recolhido dos pássaros eram os mais lentos, mas eles tinham outros atributos que explicarei mais tarde. É bastante incómodo descarregar a aura, porque sentes-te terrivelmente vazia quando tudo desaparece.

A Thea, querida Thea, estava, claro, por cima de si mesma, nada deprimida por perder o seu reino das flores, mas cheia de planos para ir novamente e experimentar outra linha de raios.

O papá não vai gostar desta carta, mas diz-lhe que isto faz parte da minha vida, e eu não posso ignorar uma excitação tão grande para mim e também para ti. E lembra-lhe que, quer cultives nabos ou rosas, todos eles são usados para alimentar estes raios "parasitas" que só podem ser cultivados no físico para uso do físico.

Em todos os casos que te contei, estas vibrações são usadas para curar o físico através do corpo etérico. As tuas flores de macieira e lilases vão todas ser usadas; vou passar por aí para recolher em ajuda ao Banco de Raios da Flo, por isso dá-lhes toda a energia que puderes; é a flor de que precisamos, a flor e o aroma.

Perguntei à Pat:
Por que estás tão empenhada na cura?

Patricia: Porque tive uma longa série de vidas na Terra em que a doença era tão desconcertante. Não consegues imaginar como era no Oriente; conseguirás, quando te lembrares, mas aquelas pragas terríveis marcaram-me profundamente… Eu estava em Inglaterra durante a Grande Peste e vi o sofrimento impotente, desesperado. A minha filha morreu — ainda consigo ver agora, o horror disso — tudo isso afastou-me do ensino da Igreja. Eles tinham ainda menos poder de curar do que no Oriente, e não tinham mensagem para os moribundos. No Oriente conseguíamos fazer algumas coisas para aliviar a dor, mas em Inglaterra não havia nada que pudéssemos fazer. Vejo tudo tão claramente. Foi então que aprendi algo sobre compaixão. Eu era uma mulher dura antes, mamã. Tinha de ser, suponho, para governar e mandar — o que eu adorava!

Tive tantas vidas, não fazia ideia de que se vivia tantas vezes; mas aprendi tão pouco e tão devagar; a única coisa que ficou foi a DOR. Como podia a dor ser aliviada, ou este ditador chamado Morte — súbito, violento e imprevisível — ser enfrentado?… Oh, a miséria dessas vidas… Mas não devo ficar a pensar nelas, exceto para te contar duas coisas. A minha filha era uma menina, e eu amava-a tanto. Vivíamos numa boa casa, com criados. O meu marido era duro e infiel, mas eu ainda o amava de certo modo, até que a criança adoeceu, e então eu não sabia o que fazer. Havia hospitais, mas estavam lotados, havia médicos e boticários, mas pareciam não ter conhecimento — então eu simplesmente fiquei ao lado dela e rezei, rezei, mas nenhuma ajuda chegou, e ela morreu.

Mais tarde, muito mais tarde, ela foi minha irmã… Ela era tão loira e tão bonita, e eu amava-a tão intimamente, que quando ela morreu eu desisti, algo partiu-se dentro de mim, e tornei-me selvagem e insensível. Não sei o que disse ou fiz; mas eventualmente fui para os hospitais e trabalhei, trabalhei entre os moribundos. Nunca deves deixar ninguém morrer sozinho, esse era o meu sentimento. E trabalhei, febrilmente, até que um dia suponho que também caí e nunca mais movi o meu corpo físico.

Foi por isso que nesta última vida vim com o impulso de curar, de superar, de aprender — e acima de tudo de evitar a dor. Lembras-te do meu horror às operações? Eu sentia “qualquer coisa menos uma operação”, porque tinha visto serem feitas sem anestésicos, e tinha conhecido a tortura sem esperança que geralmente acabava em morte.

Então agora, através de todo esse pântano de miséria, ganhei um amor tremendo pela cura, e a certeza absoluta de que a Morte não é ditadora. Muitas vezes ela vem como amiga, e a dor da separação é uma ilusão… É a próxima barreira que temos de ultrapassar…

Ontem talvez te tenha contado demasiado sobre a pungência das nossas vidas passadas. É quando as revemos e revivemos as emoções aqui que acabamos

profundamente gratos por a memória delas ser quase sempre apagada das nossas mentes conscientes na Terra.

Demorei muito aqui a recuperar da agonia de perder uma filha. Estes velhos laços atrasam-nos pelo peso da emoção, até aprendermos a ver apenas a intensa riqueza do poder que este sofrimento nos deu. Eu desisti daquela jovem vida, mas tão contrariamente, tão a contragosto. Mas a minha miséria empurrou-me para os hospitais.

Vejo o lugar onde trabalhei — agora chama-se London Hospital! Construído ou reconstruído no mesmo local. Lá conheci o Dr. Sykes; ele era médico então, mas era tão desesperado quanto nós todos, e trabalhámos juntos tentando isto e aquilo. Os medicamentos eram todos tão fúteis, e a imundície… ele percebeu que isso espalhava infeção, e tinha uma teoria embrionária sobre germes. Ele fez-me lavar os pacientes numa solução desinfetante! Pelo menos, pensávamos que era desinfetante — cheirava terrivelmente! Mas lavá-los já era considerado um mal extremo! Oh, a dificuldade de os fazer despir-se, muitas vezes morriam no processo; principalmente, tenho a certeza agora, porque achavam que era tão errado. Não podes tratar pessoas contra as suas ideias fixas, por mais certas que as tuas sejam. Tive de aprender isso!

O Sykes era cirurgião então, e eu ajudava-o, mas ambos ficámos fartos da cirurgia; sem anestésicos e sem desinfetantes era quase sempre fatal, exceto nas amputações. Ele acreditava nas ervas, colhidas frescas e colocadas diretamente sobre a ferida. Lembra-te, não tínhamos gaze nem algodão: apenas ligaduras grosseiras e unguentos estranhos. Mas as ervas frescas eram maravilhosas.

Ao olhar para trás, não vejo que ele distinguisse muito entre as ervas; a ideia dele era que a frescura e o verde eram curativos em si mesmos, e ele nunca permitia o uso de ervas secas ou murchas. Às vezes usávamos pétalas de rosa — era um grande favorito. As pessoas costumavam trazer as flores, e nós arrancávamos as cabeças. Mas havia tão poucas flores naqueles dias. Os jardins só cultivavam legumes e algumas flores, um luxo para "Minha Senhora"!

Falo muitas vezes sobre essa vida com o Sykes. Ele diz que já tinha começado a curar muito antes e tinha muitas vezes sustentado, depois abandonado, e depois sustentado novamente, a ideia de que a cura residia quase exclusivamente no curador, nos que cuidavam dos doentes — e no ambiente, isso era tudo importante — Pessoas e Coisas.

Não é estranho como os princípios fundamentais nos são incutidos tão cedo… desaparecem… e depois regressam?

A Flo também estava lá, mas não creio que alguma vez a tenha encontrado. Ela estava a avançar, cheia de propósito e raiva pelas condições existentes. Pergunto-me muitas vezes até que ponto a raiva dela foi útil — como força purificadora… ou como entrave.

… Aí tenho de te deixar — é sempre o mesmo enigma: COMO CURAR?

Perguntei à Pat:

Qual é a diferença entre cura magnética e cura metafísica?

Patricia: Oh, mamã! Agora apanhaste-me! Essas palavras compridas, o que querem dizer? Acho que é assim: se queres curar o corpo, tens primeiro de dar do teu próprio corpo, e se queres curar a alma, tens de dar da tua própria alma — então, de ti mesma parte a corrente vital. O "Bish" (o bispo), que claro tem razão (em geral), diz que não deves aspirar a "curar". Deixa isso nas mãos de Deus e traz o raio do amor, aplica pressão para o desenvolvimento rumo à boa saúde ou à experiência em outro plano… Bem… tudo pode ser usado como experiência… mas são-nos dados poderes que podem ser usados para aliviar a dor, na forma de medicamentos usados pelos médicos e a nossa própria essência vital.

Percebo perfeitamente o ponto de vista do papá, que sente que não pode dar, por não ter poder suficiente no corpo. Não sugiro que ele se esgote fisicamente, apenas que alinhe conscientemente as suas vibrações corporais com as mentais, para equilibrar o todo. Mas, quando realmente queremos curar o corpo e reduzir a dor, então temos de nos dar completamente, senão nada acontece fisicamente. Não digo que não aconteçam coisas no etérico, nem digo que coisas vão necessariamente acontecer no físico só porque usas os órgãos geradores, mas digo que a razão pela qual a cura espiritual falha constantemente em curar o corpo é porque nenhuma vibração corporal é gasta. O corpo é uma vibração muito baixa comparada às outras, e é extremamente difícil forçar o espírito puro no físico. Ele não "cola", desliza, deixando a condição inalterada.

O físico é uma coisa terrivelmente difícil de alterar; na verdade, agora acho que os médicos fizeram muito bem no seu estado cego! Vejo que o I.C. (Thompson) está a trabalhar para elevar as vibrações do corpo para que ele possa atingir um estado em que vibrações mais altas possam ser usadas com eficácia. Claro que ele só percebe isto vagamente, e está tão limitado pelo que pensa que sabe. Se ao menos conseguirmos manter uma mente aberta ao fluxo da energia magnética, tudo está a mudar diante dos nossos olhos. Por exemplo, mamã, as tuas vibrações mudaram muito desde que começámos a escrever, e eu consigo fazer os meus pensamentos "agarrar" muito mais facilmente. Não é só uma questão de hábito, embora isso ajude.

Diz ao papá que sei que, como eu, ele é um "totalista", e como ele obviamente se gastaria completamente se se lançasse à cura física a partir do próprio corpo, tudo o que sugiro é que aceite o facto de que, no seu fluxo sanguíneo, ele tem as Três Vibrações, e delas pode reconhecer assistência. Isto não é esgotar, nem sequer tirar, mas conscientemente notar um equilíbrio no poder de cura que tenderá a reduzir a fadiga mental. Estás a perguntar sobre doar sangue?

A Flo é muito a favor disto. Ela diz que há casos em que não é uma boa coisa. Mas o sangue misturado é uma amostra transversal de bem e mal, e contém a energia vital que às vezes é essencial. Devias olhar para a Vida como Energia Universal, e em grande parte é isso mesmo. O sangue é muito parecido com gasolina; colocas no carro e ele vaporiza e inflama-se e, embora um motor possa ser melhor do que outro, a mistura de

gasolina tirada de vários tanques é praticamente a mesma — as propriedades são universais. O corpo reage imediatamente à universalidade no sangue, e aquilo que é individual é tão pequeno que, num caso de vida ou morte, não deve ser considerado. Eu não tinha esta visão, como sabes.

Mas então eu via o sangue como uma essência pessoal, e isso não é verdade; é uma força impessoal, tem uma magia toda própria, e uma magia dentro de si para libertar e limpar qualquer coisa alienígena que possa ter sido apanhada no percurso pelo corpo — fisicamente através dos pulmões e exercício e circulação rápida, e mentalmente através da respiração consciente de limpeza. Tudo isto aprendi com a Flo. Mas o sangue contém tanto da Divindade que eu sou apenas uma estudante de primeiro ano deste líquido tão precioso.

Perguntei à Pat:

Por que é que a Sra. Barnes e o Sr. Pearce (dois casos sem esperança) são permitidos viver?

Patricia: Mamã, eu sei que parece extraordinário, mas é a Calmaria — falta de poder tanto para viver como para morrer. Orações? Bem, agora acho que podem ser usadas para a passagem dele. Ele chegou ao fim do saber, já não absorve o que se passa à sua volta, mas acho que um tratamento regular em pensamento, a cada poucas horas durante um ou dois dias, deveria dar-lhe força suficiente para passar.

Consegui chamar aquela médica simpática que te descrevi há algum tempo. Ao ver as chamas brancas do poder divino, ela disse: "Se isto é o Inferno, vou gostar disto." Bem, ela teve um AVC e ficou meses imobilizada, em grande miséria de mente e corpo, e a experiência dela é de uma assistência tremenda para nós. Levei-a até ambos os teus casos, e ela tem-nos a seu cargo.

Aparentemente, quando o corpo atinge um estado de vibração muito lenta, torna-se capaz de absorver as vibrações superficiais da Terra, e o instinto primitivo destas é viver. Portanto, devemos dirigir o nosso pensamento para estas vibrações, não de forma agressiva, pois são a própria substância da vida, mas devemos apelar a elas pessoalmente para nos ajudarem, reduzindo o seu poder e depois libertando uma quantidade maior; isto é magnético, e portanto deve ser tratado magneticamente. Terás de dar um pouco de ti mesma como "apelo" ao Espírito da Terra.

Estou fascinada por estas correntes, são o lado etérico da gravitação, a força que atrai e mantém a vida à superfície da Terra. A força etérica cria uma atração para a superfície, enquanto a atração gravitacional física é para o centro da Terra. Estas duas partes da mesma força estão frequentemente em oposição e causam confusão à humanidade, mas são uma força utilizável que em breve será descoberta e aproveitada fisicamente para todo o tipo de novos dispositivos, particularmente de viagem à superfície. Mas, entretanto, devemos aprender a lidar com elas, a superar a existência em calmaria na Terra. É uma das coisas mais dolorosas de observar, de todos os planos.

Sobre Pergamo, na Turquia

Eu estava a viajar de carro pela Turquia com a minha família quando avariámos perto de Pérgamo — um dos três centros de cura fundados por Esculápio em 400 a.C. Naturalmente, explorei a velha cidade e a Pat conseguiu ler alguns dos registos akáshicos.

Patricia: Fui contigo, e vi um grande número de pacientes e sacerdotes. Como eles mantinham os registos com tanto cuidado e precisão! Essa foi a minha primeira impressão. Estavam sempre a aprender e abertos a novas ideias. Não havia nada fixo. Usavam o poder curativo do riso, e o seu teatro ainda ecoa com sons de música edificante e alegria. Como faziam os pacientes felizes — primeiro, infundindo-lhes a ideia de que era a vontade dos Deuses que ficassem bem, e cabia a eles abrir-se para receber a saúde que lhes era oferecida.

Usavam hipnose para infundir esta ideia, e a repetição das grandes verdades, depois novamente hipnose para induzir um sono muito profundo, permitindo ao paciente reter uma memória ao acordar. Essa memória lidava com as causas estabelecidas numa vida anterior e, ao trazê-las à superfície das suas faculdades mentais, quebravam o complexo da doença. Exatamente o mesmo plano de Coué e da psicanálise, que estamos a redescobrir agora através da encarnação de alguns dos sacerdotes deste culto. Usavam música, sol e água, que, com o meio do poder emanado da própria Terra, davam a todos os que acreditavam a saúde que desejavam. Observei vários tratamentos, e hei de contar-te sobre eles mais tarde.

Quero muito contar-te mais sobre Esculápio e o que vi que estava a acontecer. Era tudo tão simples, minucioso e absolutamente adorável, porque a primeira causa da saúde é a felicidade, a alegria, o riso, o que chamamos moral.

Vi casos que pareciam completamente sem esperança a cambalear para dentro. Eram primeiro recebidos por um sacerdote clarividente que percebia de imediato se estavam realmente a morrer e se a hora tinha chegado; depois levava-os a um lugar lindo onde lhes era dado sono hipnótico, se o fim já estava a caminho — isto é, se a aura tinha a luz de “passagem”. Esse é o círculo de luz que entra quando o “chamado” foi enviado para o espírito regressar, e gradualmente envolve a aura. Se esse estado já estava presente, apressavam a luz fortalecendo a Força do Espírito. Se a luz não estava lá, continuavam o tratamento.

Não vi nenhum fracasso, mas deve ter havido alguns que recaíram nos velhos padrões de pensamento. Descobri que as crianças, como sempre, eram os melhores pacientes. Não tinham trilhos mentais fixos que precisassem de ser apagados das suas mentes. Segui uma menina, que acho que devia ter tido pólio; ela estava completamente paralisada e, pensei eu, parecia um caso perdido. O sacerdote olhou muito cuidadosamente para a aura dela e murmurou: “Talvez cheguemos mesmo a tempo.” Ela foi levada à fonte lustral e banhada nela. Isso pareceu aliviá-la um pouco, a hipnose leve foi usada, à qual ela respondeu imediatamente.

… Depois, a menina foi deitada numa cama de ervas macias, uma espécie de urze, com uma cobertura de lã suave, e ela adormeceu. Esperei para a ver acordar. Ela acordou algumas horas depois, esticou os seus pobres membros encolhidos, abriu os olhos e sorriu para mim. “Estás bem”, disse ao espírito dela. “Sim, bem.” A sacerdotisa veio e massajou-a suavemente por todo o corpo e perguntou-lhe sobre os sonhos. Ela disse que tinha estado num lugar adorável, cheio de crianças, algumas mais velhas, outras mais novas, mas todas estavam doentes no início, e depois todas ficaram bem e começaram a correr por todo o lado. “Exatamente como tu”, disse a sacerdotisa, “portanto, agora, vai lá!” E pegou-lhe na mão, e a criança saltitou para fora, para o sol. A sacerdotisa virou-se para mim e disse: “Não é fácil com crianças? Agora vais ver um caso mais difícil.”

Era uma mulher de cerca de sessenta anos, que sofria de algum problema antigo no estômago. Eu não consegui diagnosticar, mas ela chegou com muita dor e recebeu o mesmo tratamento que a criança. Acordou revigorada, mas ainda com dores, e parecia desanimada e dececionada. “Mas ainda nem começámos”, disse a minha encantadora sacerdotisa. “Tens de comer agora, e depois vamos todos rezar juntos, e ser-te-á dito em oração como semear esperança na tua mente. Esperança, depois fé e, por fim, convicção. Esses são os passos que estás prestes a dar.”

“Mas eu tenho este problema há anos”, lamentava ela, ansiosa por nos contar mais! “Não penses no passado. Pensa apenas no futuro”, disse a sacerdotisa com firmeza, enquanto lançava a sua aura em oração. Isto foi uma nova experiência para mim. A mulher tentou rezar e relaxou de tal forma que eu conseguia ver que a sua aura cinzenta estava aberta à receção.

A sacerdotisa lançou um grande círculo dourado de luz, que envolveu a paciente numa glória dourada de força. Eu conseguia vê-lo tão intensamente que quase fiquei dominada. Depois de alguns momentos, isso cessou, e a sacerdotisa olhou para a mulher e perguntou: “Sentes-te melhor agora?” “Sim, tentei rezar, mas só consegui sentir um calor a entrar pela cabeça e pescoço.” “Isso está certo. Agora pensa nisso como cura.”

A mulher não estava convencida, mas estava interessada. “Agora vou puxar essa energia através de ti, para limpar o que quer que esteja a impedir-te de ter saúde.” “Vai doer?”, perguntou a paciente. “Não, claro que não. Aqui ninguém é magoado”, foi a resposta rápida. “Agora relaxa, pensa em luz solar e depois, se gostares de música, pensa numa melodia que gostes e continua a repeti-la. Canta, se quiseres, ou recita poesia. Mantém a tua mente longe da doença.”

A mulher entendeu e começou a murmurar uma cançãozinha triste, mas isso manteve a sua mente afastada dos problemas. Passado algum tempo, ela ficou sonolenta e, num instante, adormeceu. Esperei novamente e, quando acordou, estava visivelmente melhor, mais forte, mais jovem e mais viva. “Sinto-me mesmo melhor”, admitiu. “Acho que isto me está a fazer bem.”

A sacerdotisa veio ter com ela e perguntou se tinha sonhado. “Oh, sim”, mas era uma história triste de pobreza e doença, que foi subitamente convertida em luz. Ela disse: “Vi todos doentes e famintos, mas veio uma grande luz e, num momento, estávamos todos bem, a relva cresceu, as colheitas ficaram verdes. As crianças corriam e os bezerros e cordeiros estavam vivos novamente. Comecei a sentir que o passado não importava.” “Lá está”, disse alegremente a sacerdotisa, “aprendeste a primeira lição! O passado não importa — aprende com ele e deixa-o ir.”

A minha paciente estava obviamente a ficar entusiasmada. Confiou-me que estava aterrorizada de vir, disseram-lhe que seria deixada sozinha num túnel negro, “mas isto é tão diferente, e todos são tão gentis.” A sacerdotisa disse-me que tinha sido treinada por Higéia nos primórdios da cura e tinha voltado duas vezes em vidas subsequentes para continuar este trabalho.

A grande Higéia eu também vi no etérico. O seu grande poder de cura era o amor. Ela ensinou à minha sacerdotisa como lançar a onda envolvente do poder do amor. Agora, isto não é fácil com personagens difíceis, confidenciou-me. Com crianças é tão fácil, e elas respondem tão rapidamente, mas com os resmungões às vezes é muito difícil, por isso é preciso ser completamente impessoal.

Voltando à nossa paciente: ela dormia numa cama baixa, muito macia e confortável. Trouxeram-lhe pão, fruta e leite. Ela olhou para aquilo e pediu outra coisa. Eu não entendi, mas a sacerdotisa disse: “Não, não durante o tratamento. Apenas os alimentos mais simples, massagem, descanso, sol, música e o Teatro.” “Oh, mas eu não podia andar até lá, a dor voltará.” “Tenta dar uns passinhos e vê.” E assim fez. O teatro era perto. Conseguimos-lhe um lugar, e ela saiu de lá às gargalhadas. O tratamento continuou — sono, massagem, descanso ao sol, beber e banhar-se na água lustral. Música, cor e diversão.

“Isto é umas verdadeiras férias para mim”, observou um dia, quando eu já começava a pensar nela como curada. Mas a sacerdotisa disse: “Não, se a mandássemos embora agora, ela cairia de novo nos velhos padrões de pensamento. Agora ela deve romper completamente com o passado e passar pelo túnel do medo para a luz do conhecimento.”

Tudo foi-lhe explicado calmamente: que, numa noite — ela escolheria o momento — encontraria o Sacerdote Hipnótico que a colocaria num estado recetivo, não de transe, e a conduziria até à entrada do túnel, onde a Água Murmurante a acompanharia, e vozes, a intervalos, repetiriam as verdades todo-poderosas da saúde, que no seu estado recetivo penetrariam na sua mente e trariam a convicção completa de que a saúde era a condição normal e natural, e que todas as outras condições tinham sido totalmente apagadas da sua consciência.

Ela estava um pouco nervosa com este tratamento, por isso ninguém a apressou. Viveu tão feliz na atmosfera de cura e descanso, até que um dia sentiu que precisava de entrar em contacto com a família e voltar à vida comum. Assim, reunindo forças, foi ter

com o Sacerdote para o tratamento hipnótico, passou pelo túnel e voltou para nós tremendamente entusiasmada por ter alcançado o último tratamento; e deixou-nos numa explosão de excitação e convicção de que tinha sido completamente curada.

Vou trazer a Flo aqui. Ela deve ter estado num destes centros em alguma das suas outras vidas, mas acho que todos nós temos algo a aprender com Esculápio e Higéia. Obrigada por me trazeres a este lugar lindo, lindo.

Cartas de Natal

Noite, Dia de Natal.

Patricia: Mamã, consegui… sou uma verdadeira cristã, finalmente. Foi maravilhoso e tão emocionante o tempo todo, vai levar séculos a contar-te tudo o que aconteceu. Vou começar esta noite e contar-te um pouco sobre como cheguei lá.

Estive a treinar para isto, como te disse, e, sabendo o quão ansiosa eu estava, a Olga sugeriu começar bem cedo, como ela fez da primeira vez, para podermos desfrutar de todo o crescimento do Natal desde o início do Advento. Então começámos juntas, indo para sudeste, visitando as igrejas que estavam "acordadas". Adorei ir a algumas que tu e eu vimos juntas em Veneza, Florença e Roma, especialmente Roma — é mais "eu"! Adorei ver o crescimento da luz. Primeiro havia apenas um brilho, depois, à medida que crescia, tornou-se mais como um foco de luz, muito distinto, algures sobre ou perto do altar. Geralmente está sobre o centro de poder que foi escolhido consciente ou inconscientemente pelos construtores da igreja.

… À medida que a época avança, a luz cresce, até que, na véspera de Natal, o Menino Cristo é moldado e renasce em Luz em cada igreja em toda a Cristandade. A Olga explicou-me tudo isto enquanto visitávamos as igrejas (no meu caso, com uma sensação de reverência completamente diferente, agora que eu podia realmente ver e sentir a Luz Viva). É diferente da luz comum, esta tem uma textura. Em vez de ser uma camada de não-escuridão, é uma massa de raios entrelaçados que nunca se fundem totalmente, mas misturam-se, mantendo cada um a sua própria forma e cor. Este é o ninho de luz no qual o Menino toma forma.

À medida que fui sintonizando com esta luz, ganhei confiança. Chegámos a Istambul quando a Luz de Cristo estava a renascer em Santa Sofia, agora usada como mesquita, mas completamente cristã por baixo; e, por causa da sua idade e poder, nunca poderá ser outra coisa.

Seguimos em frente, a Olga sempre a ensinar e proteger-me, até chegarmos à costa da Palestina. Aqui senti pela primeira vez o "muro" ou camada exterior de raios protetores. Era bastante fino e mal notei, mas os seguintes eram de forças variadas, até chegarmos ao grande muro etérico de Jerusalém. Várias vezes a forte presença oriental quase minou o meu treino. Há tanto da religião oriental ainda ali. Cristo usou-a e escolheu precisamente essa parte da terra porque as vibrações são tão fortes que

forneciam um bom material para Ele trabalhar. Foi mais ou menos aqui que comecei a vacilar, mas a Olga ajudou-me a cada passo, tornando a minha jornada possível.

Nunca tinha visto verdadeiramente a Palestina; mesmo quando vim no verão, estava apenas no cinturão etérico, e não conseguia realmente "ver" a terra em que Jesus viveu; mas, quando vi, apaixonei-me imediatamente. Quis ir a Nazaré, porque tu me tinhas dito que era tão adorável, e numa noite de inverno é de tirar o fôlego. Estávamos meio no etérico e meio no físico; por isso, o equilíbrio tem de ser cuidadosamente mantido, para que possamos sentir a beleza de ambos os planos. Fiquei encantada com a paisagem montanhosa à volta de Nazaré. Vagámos pela aldeia etérica dos dias do Novo Testamento, vendo Jesus como menino, depois como homem, e sentindo o crescimento do Espírito de Cristo à medida que se aproximava e se entrelaçava mais completamente com o homem físico.

Aqui conhecemos uma mulher lindíssima, que, para nós, tinha sido enviada para ser nossa guia. Era uma linda santa persa, que tinha estado entre a comitiva dos Reis Magos quando vieram com presentes no primeiro Natal de todos. Tinha sido astróloga e previu o nascimento e a vida do Menino Cristo, Jesus. Nunca a tinha conhecido conscientemente antes, por isso senti-me um pouco tímida quando percebi que essa pessoa maravilhosa seria a minha guia especial…

Ela contou-nos que havia uma grande resistência no seu país, na época do Nascimento, contra a ideia de uma comitiva tão grande ir em busca deste líder lendário; até lhes foi proibido deixar a cidade. Mas todos conseguiram fugir secretamente e encontraram-se num local combinado, incluindo o próprio Príncipe. Deve ter sido tão emocionante, e a Estrela era tão dramática. Foi vista por muitas pessoas em todo o país. Um impulso irresistível veio sobre muitos para olharem para ela, por causa do seu estranho magnetismo. Claro que se pensava que os estava a conduzir à morte; esses seguidores eram conhecidos como os "observadores das estrelas" e eram considerados um pouco loucos!

Tudo parecia tão moderno e natural, enquanto ela contava a história da longa, longa viagem, sempre com a Estrela à vista. Ela disse: "Estávamos quase a levitar, tal era o magnetismo." Provavelmente estavam a seguir algumas das linhas naturais de força e, como os seus corpos estavam num estado de exaltação e fé, eram ainda mais suscetíveis.

A Olga, a Thea e eu ouvimos fascinadas, enquanto ela continuava a contar como esperavam uma grande cidade, um palácio, quando a Estrela parou subitamente sobre Belém… aquela pobre aldeia. Estavam completamente perdidos. A luz brilhava como um foco sobre o estábulo, não havia possibilidade de engano, mas todos sentiram que devia haver algum terrível erro… até que a porta se abriu e a luz resplandecente caiu sobre eles, convencendo cada um deles, para sempre, de que a Divindade tinha sido encontrada. Instantaneamente todos se prostraram… parece que o impacto foi tão físico que não conseguiam nem pensar nem falar. Não tinham tido nenhum treino para esta experiência, nem havia quem ajudasse a explicar a força das vibrações. Os anjos

eram imunes aos sentimentos humanos, deviam ter observado, consternados, o colapso completo da hoste real.

Comecei a sentir que não era tão desesperado da minha parte ter falhado ao tentar atravessar a barreira no ano passado. Lendo os meus pensamentos, a guia virou-se e sorriu para mim, dizendo: "Mas isso é apenas natural, eu própria não falhei?…" Ela continuou a explicar que nunca tinha visto o Menino Cristo naquela primeira Noite de Natal, nem nenhum da comitiva — o poder era demasiado forte e a luz demasiado ofuscante…

Mas isso mudou-os a todos. Deixaram para trás as suas crenças meio formadas e levaram consigo uma incrível sensação de realização, que era tão forte que, ao longo de toda a sua vida terrena, a Luz brilhava ao redor deles. Eles curavam, aconselhavam e prediziam o futuro. Esses foram os dons recebidos…

Tudo isto foi-nos explicado enquanto estávamos sentadas fora da aldeia, à espera da nossa vez para enfrentar o Fogo do Estábulo.

Agora estou ansiosa por te contar sobre o momento em que deixei a encosta e fui pela rua da aldeia até ao Estábulo. Agora é uma capela, mas estávamos a ver ambas as eras ao mesmo tempo; eu podia ver tanto a Capela como o Estábulo. Sumira, a minha guia, disse-me para começar apenas a olhar para o Estábulo e, quando tivesse focado a minha visão nessa parte, poderia passar para a Capela.

Era uma daquelas noites em que as estrelas parecem muito próximas e há uma sensação de respiração suspensa no céu e um silêncio absoluto… Então, à medida que nos aproximávamos do Estábulo, uma luz e som tão intensos quase me fizeram perder o equilíbrio. O Exército de Anjos estava a trazer o Menino Cristo à forma através do som, da luz e da cor.

A Olga e a Sumira seguraram-me firmemente, ou eu teria caído com certeza. Estava a tremer por completo, mas a minha visão estava clara, e eu podia ver através da Luz até à quietude além, onde vários graus distintos de vida em diferentes planos estavam a unir-se para formar um bebé — um corpo de beleza requintada, enquanto o Espírito Maternal das Eras envolvia esse pequenino Ser de beleza serena. Era algo além de todas as palavras… Fez-me despertar para um sentido de beleza que não tenho poder para descrever.

Tremia tanto, e às vezes as lágrimas corriam-me pelo rosto e a visão ficava turva, mas nunca perdi um iota da superconsciência que tanto trabalhei para alcançar. Todo o meu corpo parecia ser atravessado pela Luz. Eu via com uma parte de mim, enquanto o resto parecia estar a ser desmembrado e depois reconstituído por alguma mão divina engenhosa, e então chegou um momento em que deixei de tremer. E a Sumira sussurrou: "Olha agora para a Capela." Isso era o presente; eu tinha estado a olhar para o passado, exatamente como ela o tinha visto na primeira Noite de Natal.

Mudei o meu foco e tentei bloquear a cena no Estábulo, com os animais, o cheiro do feno e o toque quente da respiração das vacas nas minhas mãos. Eu detestava deixar aquilo. Queria ficar com o burro e as galinhas e os cães e gatos magros que estavam todos reunidos no calor e brilho da nossa cena natalícia lendária; estava tudo tão perfeito.

Foi horrível, no início, bloquear aquela luz suave, e então, na minha visão, surgiu algo completamente, completamente diferente. Era a Capela, de onde os raios fluíam em correntes constantes e se espalhavam pelo mundo. E lá, junto ao Altar, estava o Cristo. Não o Menino da história, mas o Homem, o Cristo da Ressurreição, próximo, íntimo e humano, enquanto ao mesmo tempo Ele era divino.

No início eu não conseguia ver o Seu rosto. Os olhos eram tão vivos que senti de novo o ardente senso da minha própria inadequação, e o meu olhar caiu para descansar sobre aqueles que tinham vindo de outras estrelas para ouvir os Seus ensinamentos. Eram pessoas tão maravilhosas que ganhei coragem e voltei a olhar para o nosso próprio Cristo, com um sentido de relação pessoal, e recebi uma resposta correspondente.

Ele podia responder ao mais leve olhar ou pensamento, e todo o tempo Ele enviava Luz e Ensinamentos, e a Sua voz, embora eu não ouvisse as palavras, estava a dizer-me as respostas para todos os meus problemas.

Nunca em toda a eternidade poderia explicar a maravilhosa felicidade relaxada desse convívio. Estávamos todos tão próximos. Era pessoal para cada um de nós. Não havia fala nem linguagem, mas a Sua voz era ouvida entre nós. E Ele falava a cada um simultaneamente. Eu tinha parado de tremer e estava totalmente e completamente relaxada e recetiva, e assim permaneci por… não sei quanto tempo, até chegar o momento em que a Olga e a Sumira me levaram de volta para a encosta, onde nos sentámos entre as oliveiras, conversando, refletindo e reajustando os nossos novos corpos para o próximo passo na Vida que está por vir. Alguma parte do “velho Adão” em mim foi queimada, e sou uma nova Patrícia, liberta do fracasso e da desilusão…